



Nota Técnica

O desempenho brasileiro no Pisa 2025

SETEMBRO DE 2026

1. Introdução

Os resultados do Pisa 2025 apresentam um retrato da capacidade dos estudantes brasileiros em mobilizarem conhecimentos e habilidades de Leitura, resolução de problemas matemáticos, e saberes científicos diante de problemas e situações variadas. Após uma década, o país permaneceu estagnado no desempenho de Matemática e Leitura, e teve um ligeiro crescimento em Ciências. Essa estabilidade observada ocorre sobre patamares já baixos de aprendizagem, e o Brasil segue com um percentual muito elevado de estudantes que não alcançaram os níveis estabelecidos pela OCDE como proficiência mínima.

Este relatório analisa a trajetória brasileira entre 2015 e 2025, compara o país à média da OCDE e a outras nações latino-americanas e examina desigualdades socioeconômicas e territoriais. Também aproxima, com as devidas cautelas, os resultados do Pisa e do Saeb. O objetivo não é apenas dimensionar os desafios, mas identificar o que os resultados revelam sobre a aprendizagem no Brasil e apontar caminhos para uma política educacional que combine recomposição, equidade e desenvolvimento de competências mais complexas.

PRINCIPAIS DESTAQUES

- A divulgação dos resultados do Pisa 2025 foi marcada principalmente por um dado preocupante: neste ciclo, houve um intenso declínio em leitura, uma habilidade fundamental para transitar no mundo com tantas transformações movidas pela inteligência artificial. O Brasil se manteve estável entre 2022 e 2025 no desempenho dos três domínios principais avaliados (Leitura, Matemática e Ciências), mas performando em patamares baixos.
- A estabilidade brasileira não é um fenômeno apenas do último ciclo: o país praticamente não avançou no Pisa na última década. Nesse período, porém, vários países da América Latina e, sobretudo, a média da OCDE registraram quedas, fazendo com que a trajetória brasileira tenha sido relativamente mais favorável.
- O baixo desempenho atinge uma parcela muito elevada dos estudantes brasileiros e é profundamente desigual. Em 2025, 72% dos jovens ficaram abaixo do nível mínimo de proficiência em Matemática, 52% em Ciências e 51% em Leitura. A situação é ainda mais grave entre os estudantes de menor nível socioeconômico: no quartil mais vulnerável, esses percentuais chegam a 89% em Matemática, 70% em Ciências e 67% em Leitura; entre os estudantes do quartil mais favorecido, caem para 44%, 26% e 26%, respectivamente.
- Pisa e Saeb mostram sinais diferentes sobre a evolução recente da aprendizagem no Brasil. Enquanto o Saeb registra avanços acumulados na última década e recuperação após a pandemia, especialmente em Língua Portuguesa, o PISA aponta estabilidade em Leitura e Matemática. As avaliações medem aspectos distintos e não devem ser diretamente comparadas, mas os resultados levantam uma hipótese importante: os avanços em habilidades mais diretamente associadas ao currículo escolar podem não estar ocorrendo na mesma intensidade na capacidade dos estudantes de integrar conhecimentos e aplicá-los diante de problemas e situações menos familiares.
- Os resultados por estado revelam diferenças expressivas e precisam ser interpretados à luz do perfil dos estudantes. O Paraná apresentou a maior pontuação média nos três domínios avaliados. Em Leitura e Matemática, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Distrito Federal apresentam resultados estatisticamente semelhantes entre si, todos bastante acima da média nacional. As médias por UF consideram todos os estudantes avaliados em cada estado, incluindo redes estadual, federal e privada, e não apenas a rede estadual. Além disso, o Pisa apresenta forte associação com o nível socioeconômico dos estudantes, o que ajuda a explicar parte relevante das diferenças entre estados e recomenda cautela em interpretações que tratem esses resultados como medida isolada da qualidade das redes estaduais.

2. O que é o Pisa e qual a sua importância para o contexto educacional brasileiro?

O Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (Pisa, na sigla em Inglês) é um estudo comparativo realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Segundo a própria organização, “O Pisa avalia em que medida os estudantes de 15 anos, próximos ao fim da educação obrigatória, adquiriram o conhecimento e as habilidades que são essenciais para a participação plena nas sociedades modernas” (OECD, 2026). Diferentemente de avaliações organizadas a partir de uma série ou etapa escolar específica, o Pisa define sua população pela idade dos estudantes. Por isso, participam jovens de 15 anos matriculados em diferentes anos escolares, desde que atendam aos critérios estabelecidos para a avaliação. Essa característica permite comparar sistemas educacionais com estruturas de escolarização distintas.

A avaliação abrange três domínios principais: Leitura, Matemática e Ciências. Em cada edição, um deles recebe maior destaque, com uma quantidade mais ampla de itens e análises mais aprofundadas. Em 2025, o domínio principal foi Ciências. Além dos três domínios que se repetem a cada edição, com um foco maior em cada um deles por vez, a OCDE vem implementando testes complementares voltados para conhecimentos diferenciados. Na última edição, foi introduzida a prova de Aprendizagem no Mundo Digital. A prova visa investigar como os estudantes constroem conhecimento lançando mão dos recursos digitais dentro dos quais estão imersos, e mede dois construtos específicos: práticas de resolução de problemas com recursos computacionais e processos de autorregulação da aprendizagem (OECD, 2026).

Além das provas voltadas a investigar o desempenho cognitivo, o Pisa aplica questionários a estudantes e dirigentes escolares, reunindo informações sobre condições socioeconômicas, trajetórias educacionais, experiências de aprendizagem, práticas escolares, atitudes e bem-estar. Esses dados ajudam a investigar como diferentes fatores se relacionam com o desempenho.

Dado o seu caráter comparativo, o Pisa não foca em conteúdos disciplinares específicos, mas sim em competências estruturantes para a participação na vida cidadã. A noção de competências abarca a mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver problemas diversos (OECD, 2018). Nesse sentido, os conhecimentos e habilidades disciplinares são recursos que os estudantes mobilizam para solucionar as situações propostas nos diferentes domínios avaliados pela OCDE. Um traço importante do desenho desta avaliação é a ideia de que as competências existem quando são transferíveis, ou seja, quando um estudante consegue mobilizar o seu repertório para aplicá-lo em contextos não necessariamente idênticos ao que aprendeu o conteúdo.

Isso não significa que o conhecimento dos conteúdos tenha pouca importância. Ao contrário: conhecimentos conceituais e procedimentais são indispensáveis para a realização das tarefas. O que diferencia o teste de outras avaliações que focam em medidas de habilidades muito isoladas é sua intenção em avaliar se os estudantes conseguem utilizar aquilo que sabem, especialmente diante de problemas contextualizados, situações menos familiares e desafios que não apresentam de antemão um procedimento evidente de solução. A habilidade de transferência presente no Pisa o torna um teste particularmente interessante para inferir se os estudantes estão construindo aprendizagem com

compreensão, ou seja, se possuem um repertório efetivamente utilizável em contextos diversos (Wiggins; McTighe, 2019).

No Pisa, essa perspectiva é expressa pelo conceito de letramento em cada domínio. Em Leitura, avalia-se a capacidade de compreender, utilizar, avaliar e refletir sobre textos, além de se envolver com eles para alcançar objetivos e participar da sociedade. Em Matemática, o foco está na capacidade de raciocinar matematicamente e de formular, empregar e interpretar a matemática na resolução de problemas. Em Ciências, avalia-se a capacidade de mobilizar conhecimentos e práticas científicas para explicar fenômenos, analisar investigações e interpretar criticamente dados e evidências.

As questões podem apresentar textos, tabelas, gráficos, diagramas, simulações e situações relacionadas à vida pessoal, escolar, profissional, social ou científica. Muitas tarefas exigem que o estudante integre diferentes informações, selecione estratégias e justifique conclusões. Assim, o Pisa busca aproximar a avaliação dos tipos de desafios que os jovens encontram ou poderão encontrar fora de situações escolares estritamente delimitadas. Desde 2015, os alunos brasileiros realizam a prova do Pisa em computadores. Esse modelo de aplicação do teste possibilita a apresentação de gráficos mais interativos, o uso de ferramentas complementares (como calculadoras). Os alunos realizam a avaliação em dois blocos de uma hora, voltados à resolução das questões dos domínios avaliados, e utilizam cerca de 35 minutos adicionais para responder a um questionário contextual.

A edição de 2025 do Pisa foi a maior já realizada pela OCDE, com a participação de 91 países ou economias e mais de 760 mil estudantes. No Brasil, 30.140 estudantes de 1.053 escolas completaram a prova. Estima-se que essa amostra seja representativa de 2.184.650 estudantes de 15 anos de idade (76% da população nesta faixa etária). A amostra brasileira concentra especialmente estudantes matriculados no Ensino Médio (84,7% estavam na primeira ou segunda séries do EM). Dos respondentes, 72,4% estavam em escolas públicas estaduais, e 15,4% em escolas privadas¹.

2.1 Qual a relação entre o Pisa e o Saeb?

O Pisa e o Saeb são avaliações educacionais em larga escala que produzem informações sobre o desempenho dos estudantes e sobre as desigualdades existentes nos sistemas de ensino. Embora ambos utilizem modelos da Teoria de Resposta ao Item e avaliem conhecimentos relacionados à Leitura/Língua Portuguesa e à Matemática, foram concebidos para finalidades diferentes, adotam populações de referência distintas e se apoiam em modelos teóricos que não são equivalentes.

O Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), coordenado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), é uma avaliação nacional vinculada à organização da Educação Básica brasileira. Tradicionalmente, seus testes são aplicados em etapas escolares determinadas, como o 5º e o 9º anos do Ensino Fundamental e a 3ª série do Ensino Médio. Seus resultados permitem acompanhar a aprendizagem em diferentes redes e territórios e, combinados com indicadores de fluxo escolar, participam do cálculo do Ideb.

¹ Informações disponíveis em:

< https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2025/resultados_pisa_2025.pdf > Acesso em 08 set. 2026

O modelo tradicional do Saeb é estruturado a partir de matrizes de referência organizadas por áreas de conhecimento, temas ou tópicos e descritores de habilidades. Cada descritor associa determinado conteúdo a uma operação cognitiva que pode ser observada por meio de itens. Em Língua Portuguesa, por exemplo, aparecem habilidades como localizar informações explícitas, inferir informações implícitas, identificar o tema de um texto, reconhecer relações de causa e consequência e distinguir fato de opinião. Em Matemática, encontram-se habilidades relacionadas a números e operações, álgebra, geometria, grandezas e medidas e tratamento da informação.

As matrizes do Saeb constituem um recorte avaliável dos conhecimentos e das habilidades previstos para determinada etapa escolar. Elas não correspondem ao currículo completo e não permitem medir tudo o que se espera que uma escola ensine. Habilidades relacionadas à produção textual, à argumentação oral, ao trabalho colaborativo ou à realização de investigações prolongadas, por exemplo, dificilmente podem ser representadas integralmente em uma prova padronizada. O Pisa, por sua vez, adota como referência o conceito de letramento em cada domínio. Seu modelo procura integrar quatro dimensões: os contextos em que os problemas são apresentados, os conhecimentos necessários para enfrentá-los, os processos ou competências cognitivas mobilizados e, em algumas áreas, atitudes e disposições associadas ao uso desses conhecimentos.

Em Leitura, o Pisa avalia a capacidade de compreender, utilizar, avaliar e refletir sobre textos, além de se envolver com eles para alcançar objetivos e participar da sociedade. O *framework* inclui processos como localizar informações, compreender e integrar sentidos, avaliar a qualidade e a credibilidade de uma fonte, detectar conflitos entre textos e refletir sobre sua forma e seu conteúdo. Em Matemática, o Pisa avalia a capacidade de raciocinar matematicamente e de formular, empregar e interpretar a matemática na resolução de problemas. Isso significa reconhecer a estrutura matemática de uma situação, selecionar conceitos e procedimentos, desenvolver uma solução e avaliar se o resultado faz sentido no contexto original.

A diferença entre as avaliações não deve ser formulada como se o Saeb medisse apenas conteúdos e o Pisa apenas competências. Uma competência depende de conhecimentos, e os itens do Saeb também podem exigir interpretação, raciocínio e aplicação. A distinção está principalmente na organização do construto e na ênfase da avaliação. **O Saeb parte mais diretamente de habilidades associadas à escolarização e às expectativas nacionais de aprendizagem; o Pisa enfatiza a mobilização integrada dos conhecimentos em situações variadas, incluindo problemas menos familiares e contextos que ultrapassam a organização curricular de um único país.**

Em Língua Portuguesa, um descritor do Saeb pode solicitar que o estudante localize uma informação explícita em uma notícia ou identifique a finalidade de determinado gênero textual. No Pisa, uma tarefa relacionada pode exigir que o estudante consulte diferentes textos sobre o mesmo assunto, identifique qual informação atende a uma necessidade específica e avalie qual fonte apresenta evidências mais confiáveis. Os dois tipos de tarefa envolvem leitura, mas a tarefa do Pisa pode ampliar o problema ao exigir integração entre fontes, avaliação de credibilidade e tomada de decisão. Isso não significa que todos os itens do Pisa sejam necessariamente mais difíceis: existem itens simples e complexos nas duas avaliações.

Em Matemática, o Saeb pode avaliar se o estudante consegue calcular uma porcentagem, reconhecer proporcionalidade ou resolver uma equação do primeiro grau. Uma tarefa do Pisa pode

inserir esses mesmos conhecimentos em uma situação de consumo, transporte ou planejamento, exigindo que o estudante identifique quais informações são relevantes, formule uma representação matemática, execute os cálculos e interprete o resultado considerando as restrições da situação. Esse é o processo de transferência mencionado anteriormente, que pressupõe a aplicação do conhecimento em contextos diversos.

Por exemplo, uma questão do Saeb poderia pedir o cálculo do valor de um produto após um desconto de 20%. Uma questão do Pisa poderia apresentar duas promoções com descontos, taxas e condições diferentes e solicitar que o estudante determine qual delas é mais vantajosa, explicita suas suposições e avalie se sua conclusão permanece válida em diferentes cenários. O conhecimento de porcentagem é necessário em ambos os casos, mas o segundo problema enfatiza a formulação, a escolha de estratégia e a interpretação contextual.

Também é possível encontrar itens contextualizados e problemas de múltiplas etapas no Saeb, assim como existem itens relativamente diretos no Pisa. Portanto, exemplos individuais não definem sozinhos cada avaliação. A diferença precisa ser observada no conjunto das matrizes, dos *frameworks* e da composição dos testes. O Saeb é especialmente importante para acompanhar o sistema educacional brasileiro e examinar resultados associados às etapas da Educação Básica, às redes de ensino e aos territórios. Ele permite discutir em que medida os estudantes demonstram habilidades consideradas relevantes para sua trajetória escolar no país.

O Pisa acrescenta uma perspectiva internacional e orientada para a aplicação dos conhecimentos. Ele permite comparar os resultados de jovens da mesma faixa etária em sistemas educacionais distintos e investigar se esses jovens conseguem mobilizar o que aprenderam diante de problemas definidos por um *framework* internacional comum. Dessa forma, resultados diferentes nas duas avaliações não são necessariamente contraditórios. Um sistema pode apresentar avanços em habilidades curriculares específicas sem registrar avanço equivalente em uma avaliação internacional de competências. Também pode haver diferenças decorrentes das populações avaliadas, da composição das provas, dos contextos dos itens e das condições de aplicação.

Dessa forma, do ponto de vista da política pública, o Pisa e o Saeb devem, portanto, ser entendidos como instrumentos complementares. O Saeb oferece uma perspectiva nacional, escolar e vinculada às etapas da educação básica, enquanto o Pisa oferece uma perspectiva internacional, etária e orientada à mobilização de competências. Compará-los pode enriquecer a compreensão dos resultados brasileiros, desde que suas diferenças de população, construto, escala e finalidade permaneçam explícitas.

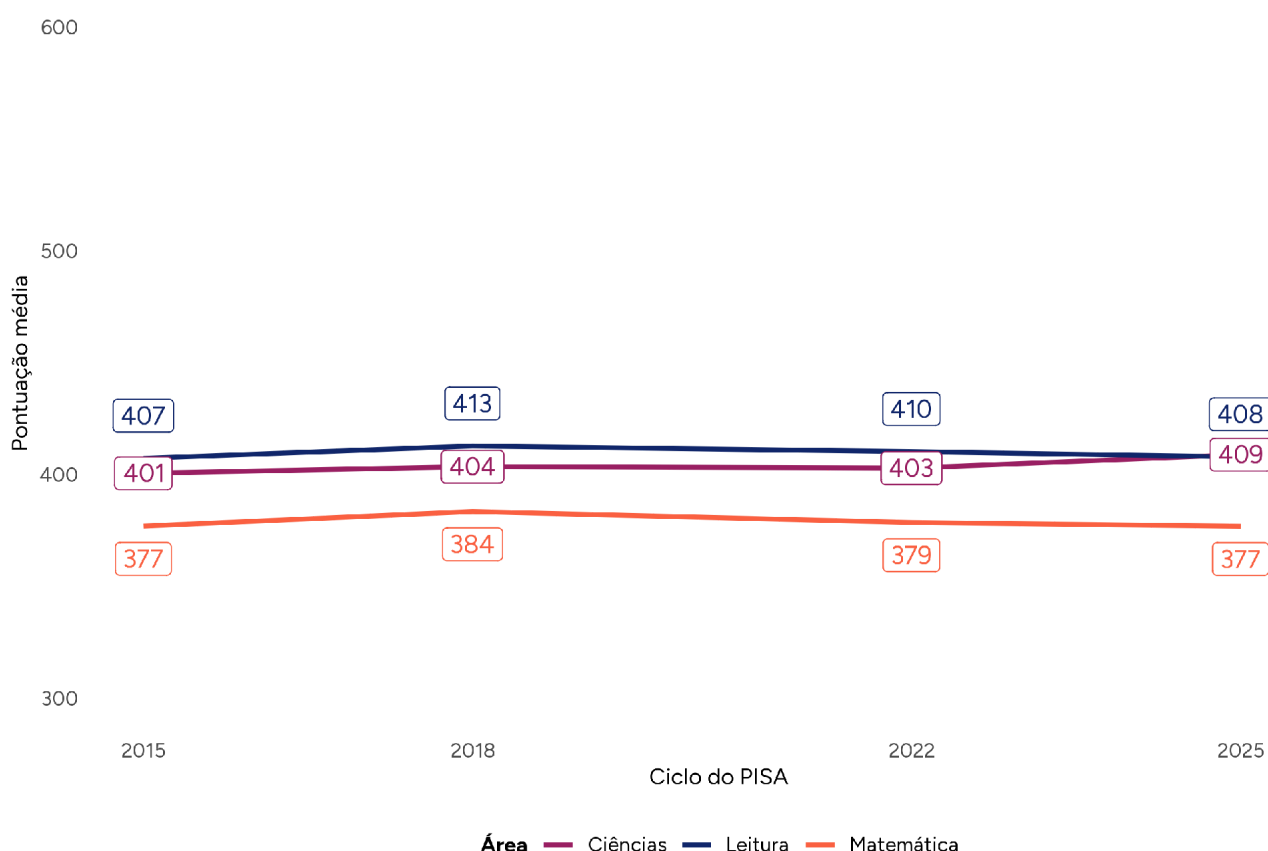
3. Desempenho do Brasil no Pisa

Ao analisarmos o histórico brasileiro no Pisa na última década, o primeiro aspecto que se destaca é a estabilidade do desempenho durante o período tanto em Leitura quanto em Matemática, com um ligeiro aumento no desempenho em Ciências. Na Figura 1, é possível observar que o desempenho em Matemática segue no mesmo patamar de 2015, mantendo inclusive uma pontuação menor do que a observada na prova realizada durante a pandemia de Covid-19. O quadro se repete também em Leitura, que voltou ao mesmo patamar de dez anos atrás. Em ambos os domínios, é curioso notar que houve uma ligeira melhoria no desempenho na edição de 2018 da prova, mas desde então os

resultados apresentaram declínio. Já em Ciências, o cenário é mais favorável, com aumento gradual de desempenho desde 2015 e uma variação total de oito pontos acumulados na prova.

Mais do que uma análise de variação de pontos, contudo, é importante destacar o significado pedagógico dessa média. **Em Matemática e Ciências, a pontuação do estudante brasileiro médio se encontra abaixo do nível mínimo de proficiência**, definido pela OCDE como o conhecimento básico para participação autônoma e efetiva nas sociedades modernas². Em ambos os domínios, os estudantes são capazes de realizar procedimentos simples e solucionar problemas que tenham informações muito explícitas, interpretar gráficos com baixa demanda cognitiva ou empregar algoritmos simples. Embora os estudantes consigam identificar informações científicas básicas, muito provavelmente eles não conseguem usar informações científicas para explicar, avaliar evidências ou apoiar suas decisões.

Figura 1. Evolução do desempenho do Brasil no Pisa nos domínios avaliados



Fonte: OCDE, Pisa (2015, 2018, 2022 e 2025). Elaboração: Todos Pela Educação.

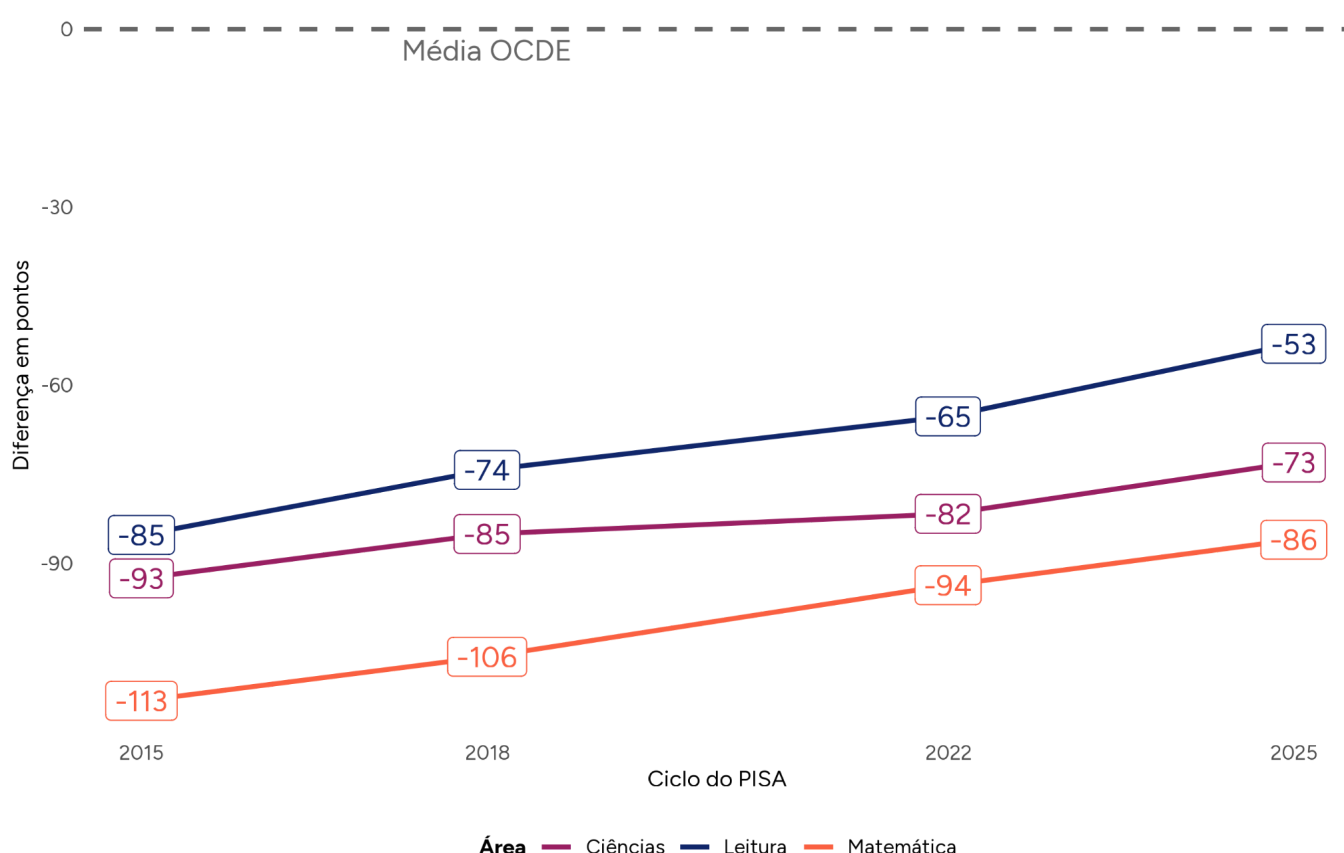
Já em Leitura, o estudante brasileiro médio apresenta um desempenho limítrofe de entrada no nível 2, considerado o mínimo de proficiência aceitável nos parâmetros definidos pela OCDE. Isso significa que eles conseguem reconhecer informações que mobilizam diferentes partes do texto,

² Quanto à pontuação média do Brasil em Leitura e Ciências, cabe ressaltar, contudo, que essa estimativa está sujeita à margem de incerteza associada ao erro-padrão, de modo que o valor verdadeiro da média populacional pode situar-se acima, abaixo ou coincidir com esse patamar. Ainda assim, o fato de a estimativa pontual se encontrar abaixo do nível mínimo constitui um resultado preocupante.

reconhecem a ideia principal, e fazem inferências de baixo nível cognitivo. Esse estudante médio, contudo, provavelmente apresenta dificuldades em fazer inferências mais sofisticadas ou que demandem integrar diferentes partes do texto, avaliar ideias presentes no texto ou entender nuances de linguagem.

Ao analisarmos a distância entre o desempenho brasileiro com relação ao desempenho dos países membros da OCDE, observamos que há uma redução gradual dessa distância em todos os domínios avaliados. **Essa aparente melhoria, contudo, deve ser interpretada com bastante cautela, considerando que ela é resultado de uma piora nos indicadores da OCDE e não de uma melhoria nos indicadores nacionais.** A Figura 2 apresenta o cenário para a última década.

Figura 2. Distância da pontuação Brasileira para a média OCDE ao longo dos anos

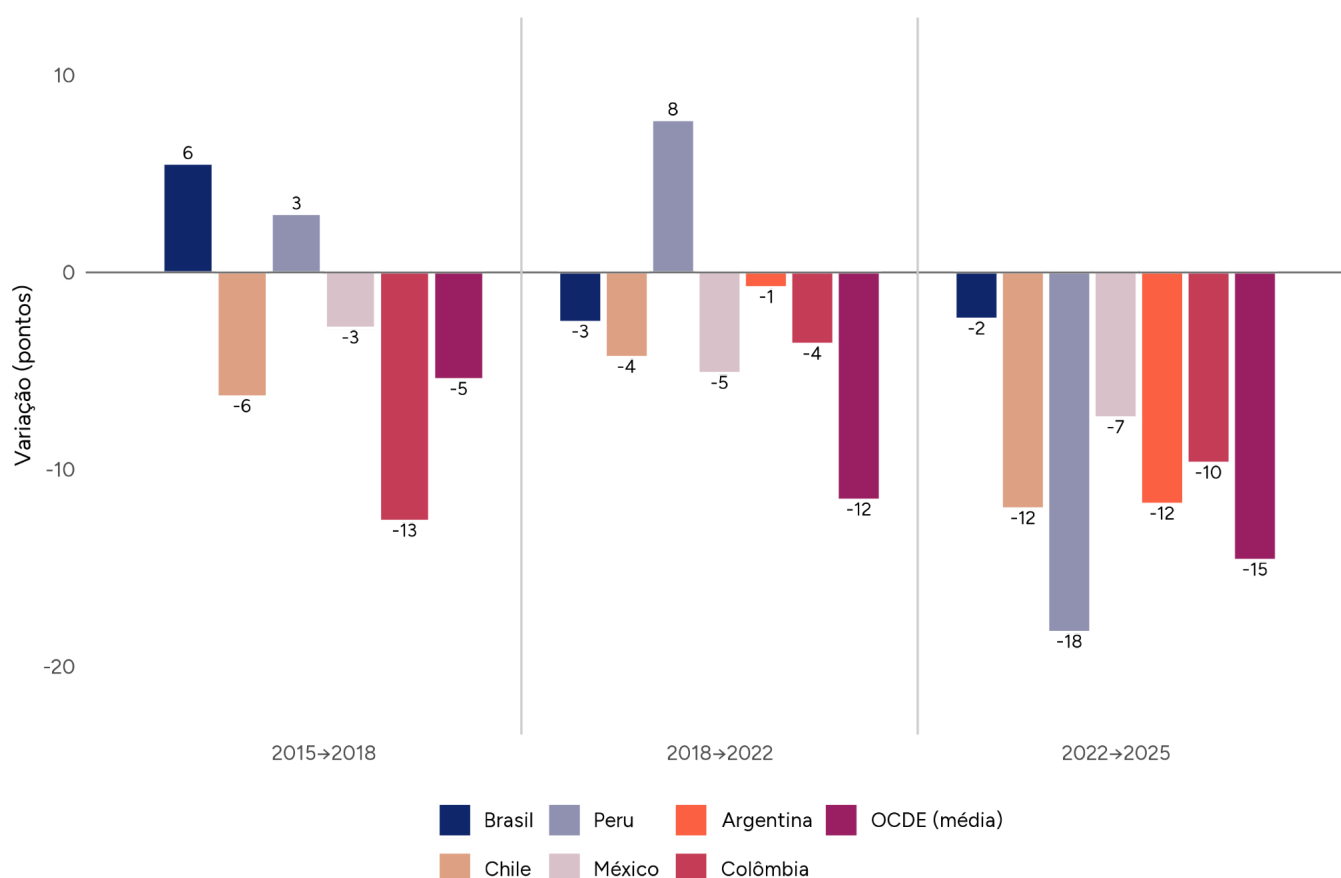


Fonte: OCDE, Pisa (2015, 2018, 2022 e 2025). Elaboração: Todos Pela Educação. Nota: Considera a média da OCDE no ano de aplicação do teste.

Outro recorte analítico interessante é acompanhar a trajetória brasileira entre as edições do Pisa que ocorreram na última década. Nas Figuras 3, 4 e 5 apresentamos a variação de pontos entre edições para Leitura, Matemática e Ciências, respectivamente, em um cenário comparado com a média dos países membros da OCDE e países latino-americanos com contextos socioeconômicos mais similares ao brasileiro.

Em Leitura, observamos que o Brasil havia apresentado um crescimento na edição de 2018, mas nas edições seguintes iniciou um movimento de estabilidade na pontuação³. Tanto os países da OCDE quanto os vizinhos latino-americanos experimentaram declínios maiores que os brasileiros no período. O que chama atenção neste cenário entre edições é que, embora a queda na edição de 2022 fosse esperada em decorrência da pandemia de Covid-19, existia uma expectativa de recuperação em 2025 após quatro anos de regularização da frequência à escola, o que não foi efetivamente observado. Ainda que seja precoce realizar afirmações sobre o impacto do uso de ferramentas de inteligência artificial na capacidade de leitura dos estudantes, essa certamente será uma área para aprofundar as pesquisas sobre o desempenho dos estudantes em análises futuras com os microdados da prova.

Figura 3. Variação da pontuação em Leitura entre os ciclos do Pisa



Fonte: OCDE, Pisa (2015, 2018, 2022 e 2025). Elaboração: Todos Pela Educação. Nota: Considera a média da OCDE no ano de aplicação do teste.

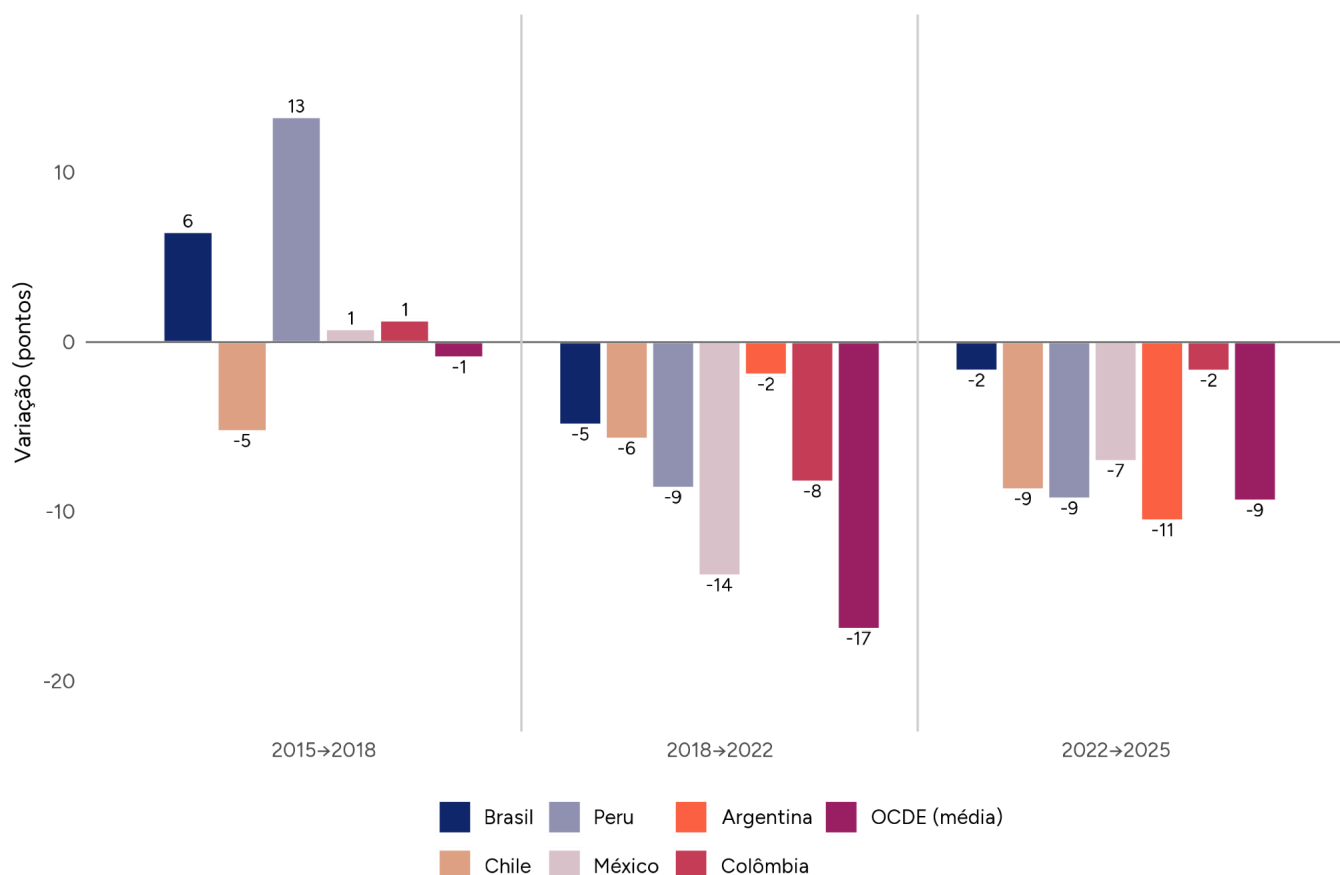
Em Matemática, o Brasil também havia apresentado um ligeiro crescimento em 2018, mas ingressou em uma trajetória de estagnação partir da edição de 2022⁴. Na edição do Pisa ocorrida na pandemia foram 5 pontos a menos com relação a 2018, e em 2025 a média de desempenho recuou outros 2 pontos, colocando o país novamente no patamar de 2015. Essa tendência de queda de

³ A média brasileira de 2015 a 2023 não é significativamente diferente da média no Pisa 2025.

⁴ A média brasileira de 2015 a 2023 não é significativamente diferente da média no Pisa 2025.

desempenho em Matemática foi observada em todos os países latino-americanos e também entre os países da OCDE. É importante observar que a queda de pontos brasileira, menor em comparação com os demais países, ocorre a partir de patamares já muito baixos.

Figura 4. Variação da pontuação em Matemática entre os ciclos do Pisa



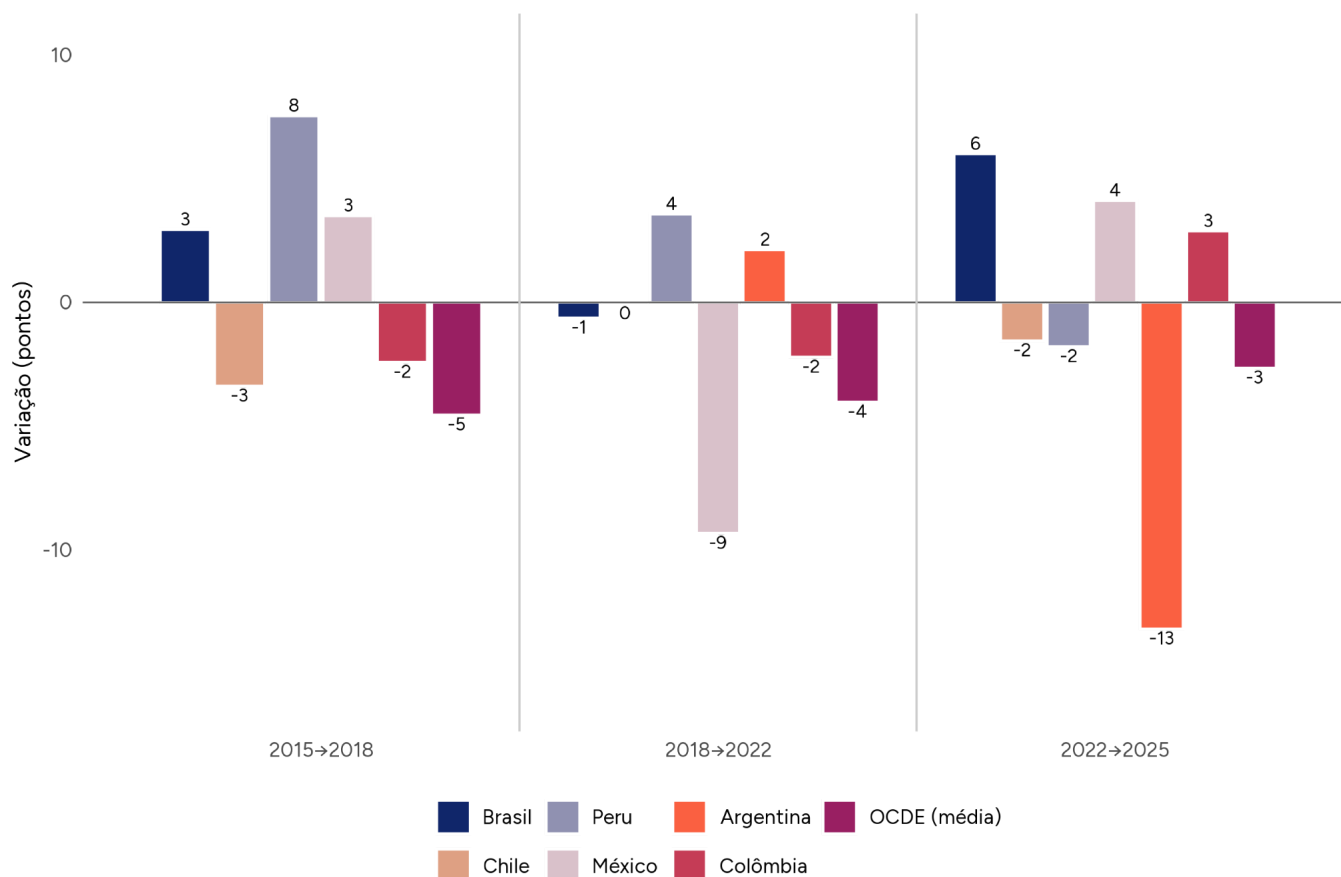
Fonte: OCDE, Pisa (2015, 2018, 2022 e 2025). Elaboração: Todos Pela Educação. Nota: Considera a média da OCDE no ano de aplicação do teste.

Na avaliação de Ciências o cenário é mais positivo, com uma queda insignificante durante o período da pandemia e um aumento na pontuação na última edição da prova⁵. O crescimento no domínio foi maior do que o observado nos países latino-americanos que também cresceram no período (México e Colômbia). Ainda que o Brasil siga, na média, em níveis de desempenho abaixo do considerado minimamente proficiente pela OCDE, há uma tendência constante de crescimento no período.

Nos anexos, apresentamos também o gráfico com as trajetórias destes países nos três domínios. Nesta visualização, é possível observar os avanços em forma de trajetória descrita pelos mesmos, reforçando o que já foi apresentado na Figura 1 sobre a estabilidade dos resultados brasileiros na última década. Enquanto o desempenho médio dos países membros da OCDE apresenta um declínio no período, observamos que os países latino-americanos, no geral, apresentam estabilidade.

⁵ A média brasileira de 2015 a 2023 não é significativamente diferente da média no Pisa 2025.

Figura 5. Variação da pontuação em Ciências entre os ciclos do Pisa

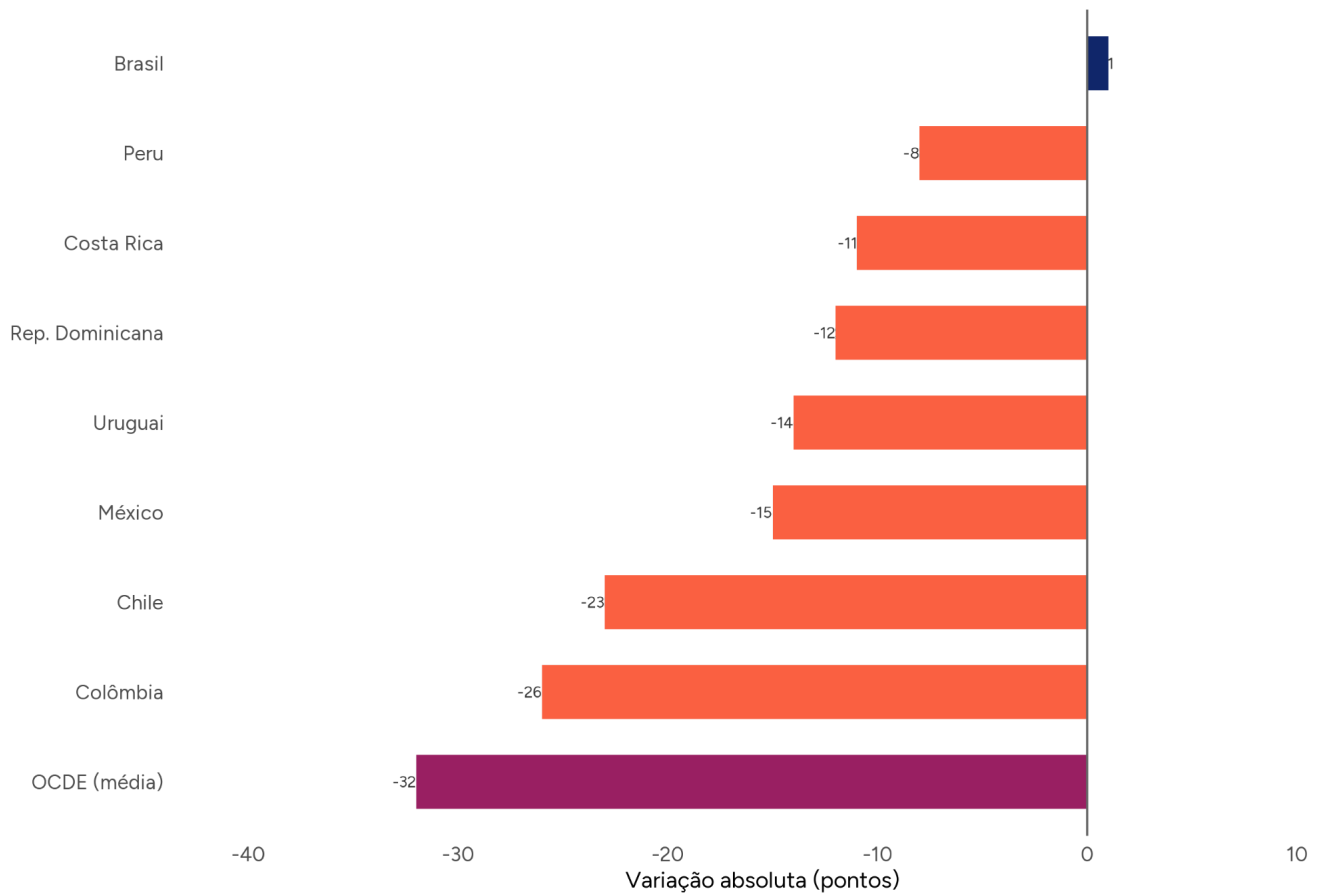


Fonte: OCDE, Pisa (2015, 2018, 2022 e 2025). Elaboração: Todos Pela Educação. Nota: Considera a média da OCDE no ano de aplicação do teste.

As Figuras 6, 7 e 8, por sua vez, apresentam o crescimento acumulado no decênio nos três domínios avaliados pelo Pisa. Em Leitura, o Brasil permaneceu basicamente sem nenhum aumento, enquanto os países vizinhos e a OCDE apresentaram queda no desempenho. A queda no patamar de desempenho da OCDE é puxada principalmente por uma redução no número de estudantes que alcançam resultados mais avançados no exame. Em Matemática, apenas a República Dominicana apresentou crescimento de desempenho no decênio, enquanto o Brasil permaneceu exatamente no mesmo patamar e os demais países latino-americanos recuaram, com Chile e México apresentando os maiores declínios. Em Ciências, mais países apresentaram crescimento no período. O Brasil apresentou um crescimento acumulado de 8 pontos⁶, enquanto Peru cresceu 9 pontos, Uruguai cresceu 10 e a República Dominicana cresceu 29 pontos. Sobre esse intenso crescimento da República Dominicana, é importante destacar que o país partiu de níveis extremamente baixos, de modo que mesmo com esse ganho significativo em pontos, o estudante dominicano médio ainda se encontra em níveis de proficiência baixíssimos.

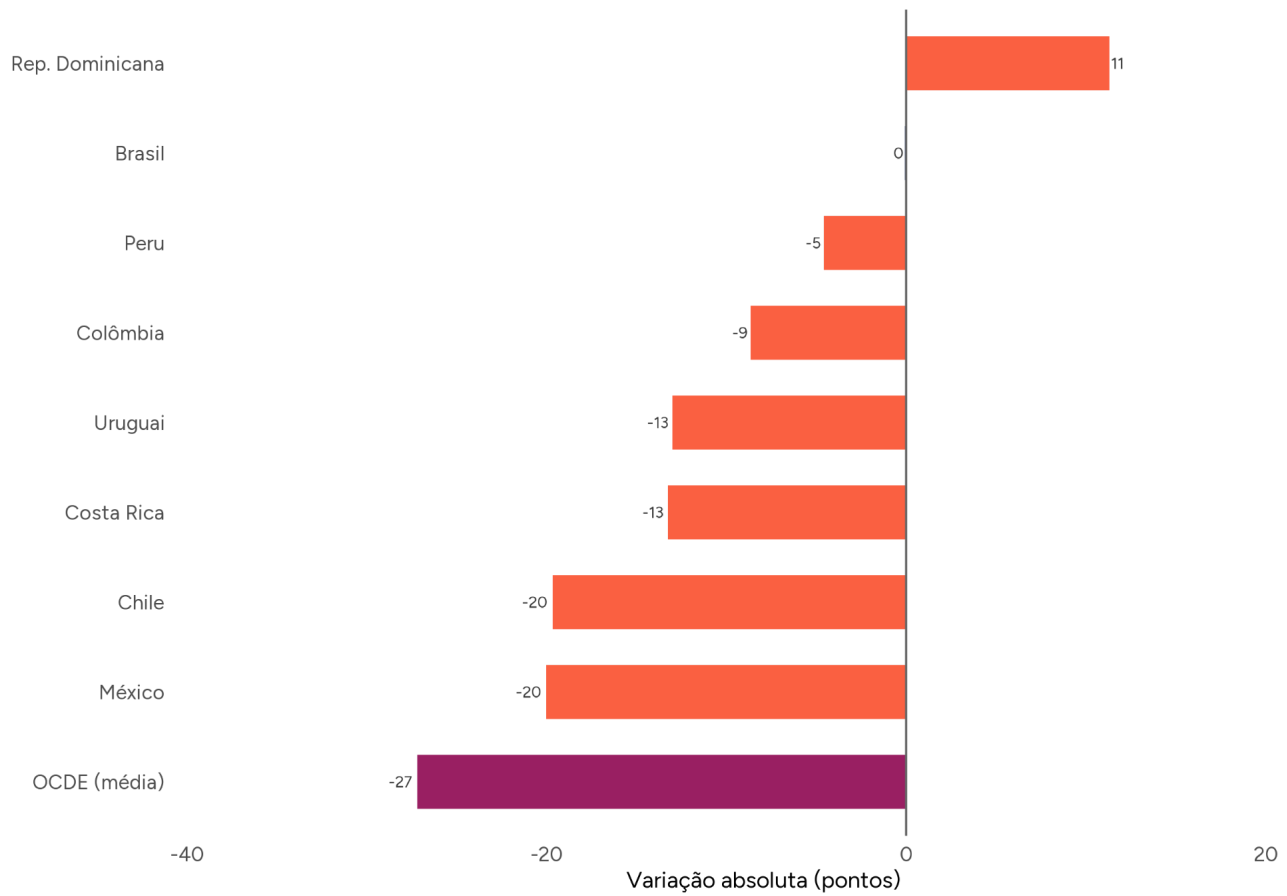
⁶ Apesar do aumento médio na nota de ciências, a média de 2015 não é significativamente diferente da média no Pisa 2025.

Figura 6. Crescimento comparado em Leitura ao longo do decênio



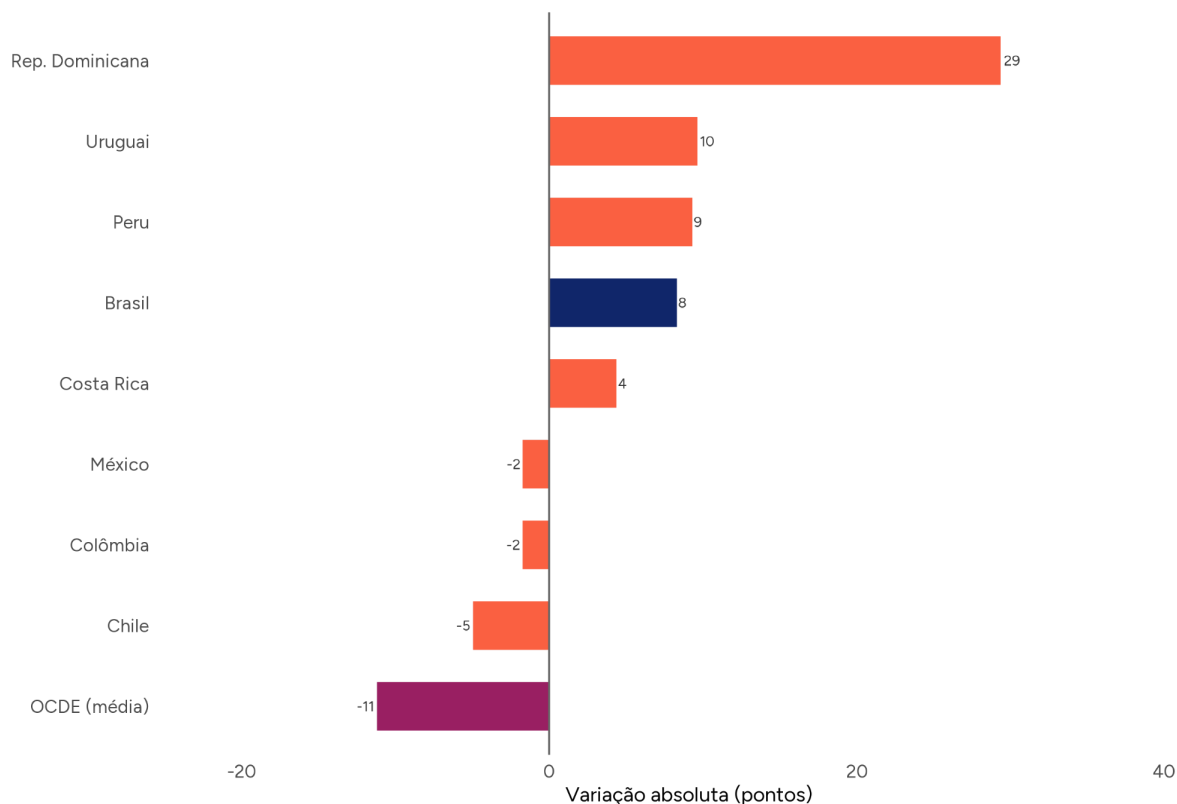
Fonte: OCDE, Pisa (2015 e 2025). Elaboração: Todos Pela Educação. Nota: Considera a média da OCDE no ano de aplicação do teste.

Figura 7. Crescimento comparado em Matemática ao longo do decênio



Fonte: OCDE, Pisa (2015 e 2025). Elaboração: Todos Pela Educação. Nota: Considera a média da OCDE no ano de aplicação do teste.

Figura 8. Crescimento comparado em Ciências ao longo do decênio



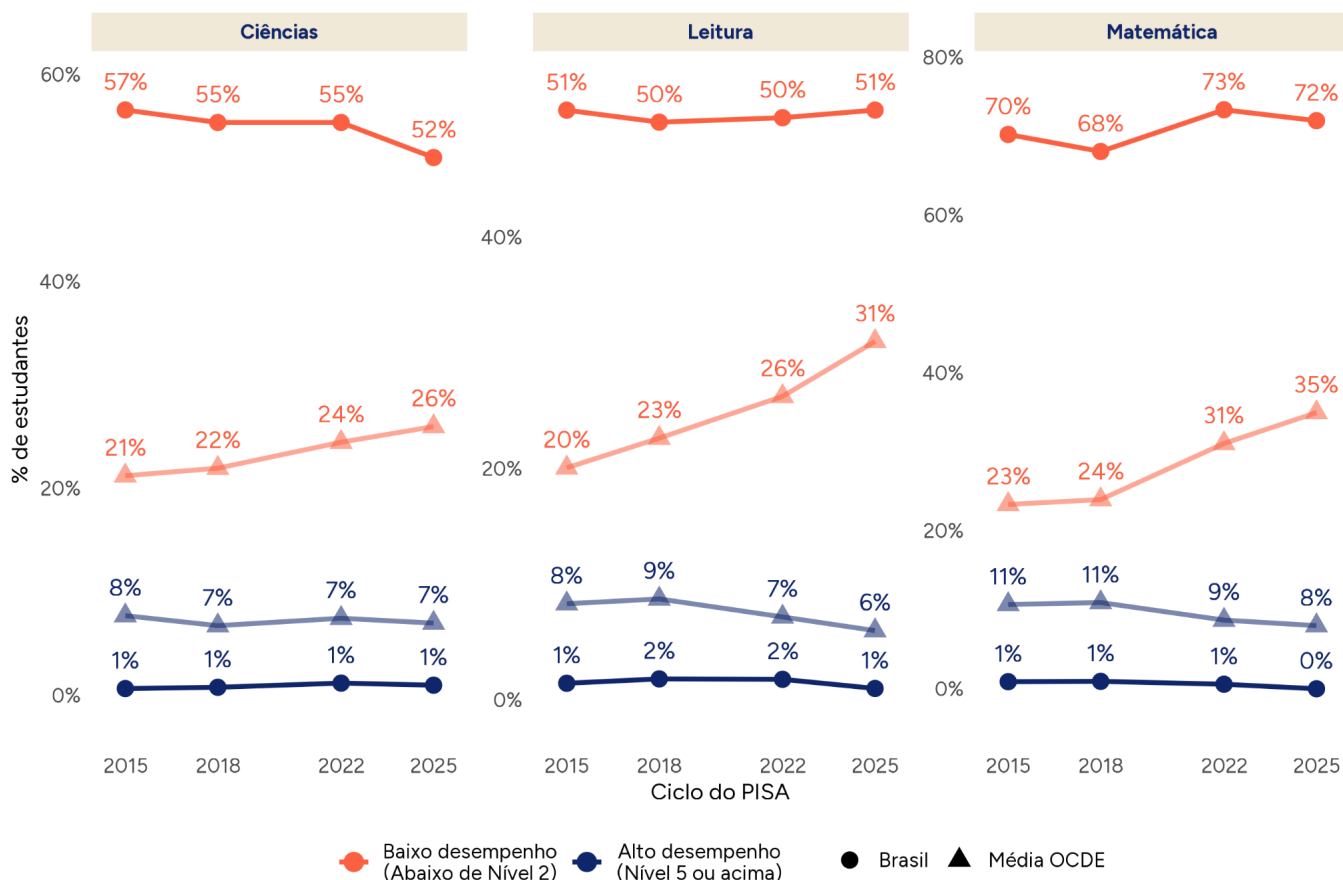
Fonte: OCDE, Pisa (2015 e 2025). Elaboração: Todos Pela Educação. Nota: Considera a média da OCDE no ano de aplicação do teste.

Ao analisarmos os resultados agregados, contudo, deixamos de observar algo muito importante: se existem desigualdades de aprendizagem entre os estudantes. Um dado relevante a ser observado, nesse sentido, é o percentual de estudantes que performam abaixo dos níveis considerados minimamente proficientes no Pisa, e aqueles que performam nos níveis de excelência. Na Figura 9, apresentamos o percentual de estudantes brasileiros que performaram nos níveis críticos e no nível avançado de proficiência para os três domínios avaliados, comparados à média dos países da OCDE.

É notável o fato de que mais da metade dos estudantes brasileiros apresentam níveis não proficientes de desempenho em Ciências e Leitura. Embora no primeiro domínio esse percentual tenha se reduzido ao longo da última década, no último ele permanece estável. Em Matemática, o cenário é ainda mais preocupante: 72% dos estudantes brasileiros estão abaixo do patamar considerado minimamente proficiente para a OCDE. Esses valores são muito distantes da média da própria organização, que na última edição apresentou 26% dos estudantes neste patamar em Ciências, 31% em Leitura e 35% em Matemática.

Do outro lado, o desempenho nos níveis proficientes também é preocupante: apenas cerca de 1% dos estudantes brasileiros apresentam nível de desempenho de excelência em Ciências e Leitura, contra 7% e 6% respectivamente na OCDE. Em Matemática o cenário é também crítico: não chega a 1% o número de estudantes que atinja desempenho de excelência no Brasil, enquanto esse número está em torno de 8% para os países da OCDE.

Figura 9. Trajetória das desigualdades nos domínios avaliados

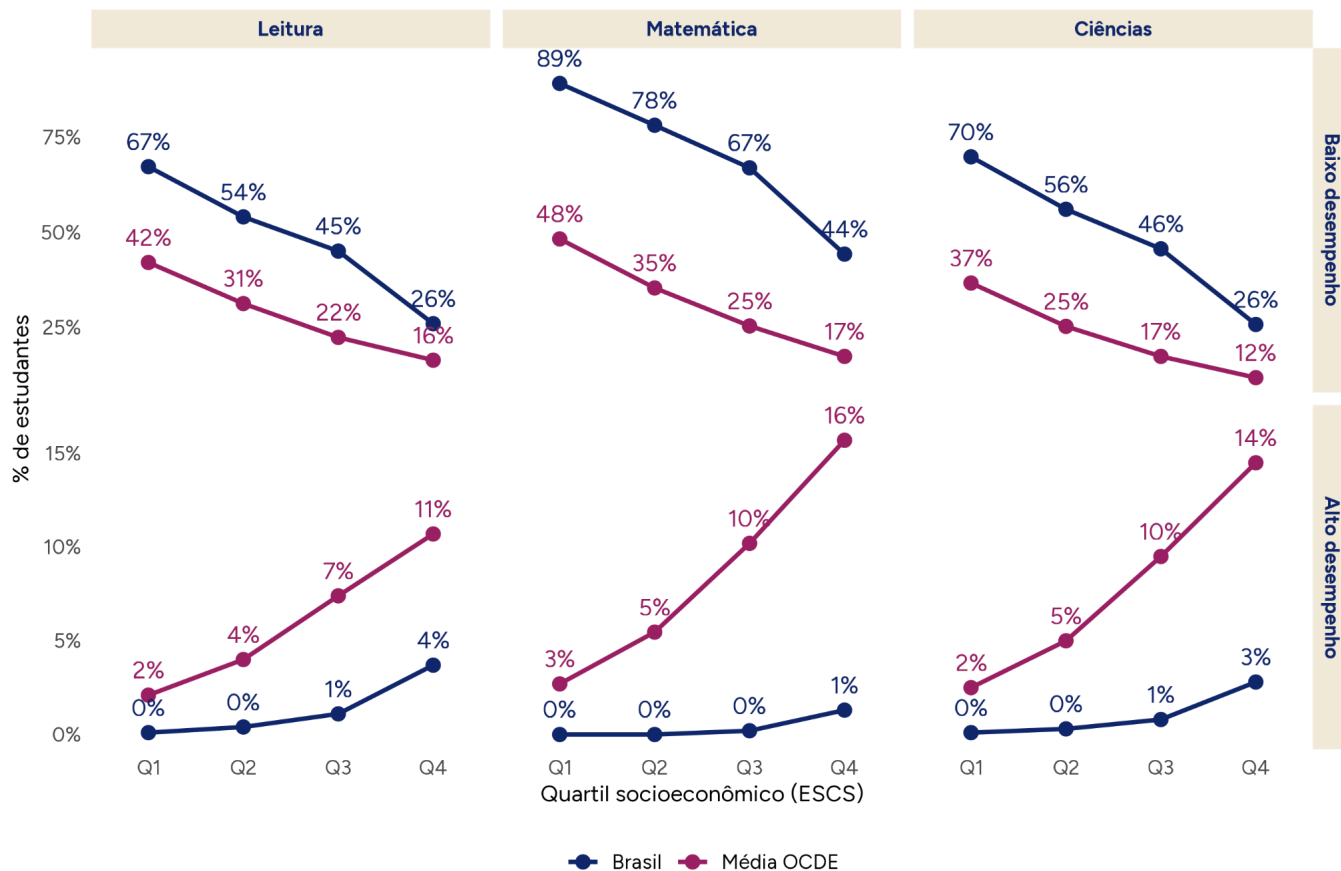


Fonte: OCDE, Pisa (2015, 2018, 2022 e 2025). Elaboração: Todos Pela Educação. Nota: Considera a média da OCDE no ano de aplicação do teste.

Nos Anexos, as Figuras A4, A5 e A6 apresentam o percentual de estudantes nestes patamares de desempenho para o Brasil, para outros países latino-americanos e para a OCDE no exame de 2025. Esses gráficos revelam que o desafio da desigualdade de aprendizagem não é um problema brasileiro: mesmo o Chile, que possui um desempenho consideravelmente maior que o Brasil, apresenta resultados preocupantes, especialmente em Matemática, onde cerca de 60% dos estudantes estão abaixo da proficiência mínima. Nenhum país latino-americano, por outro lado, possui elevado percentual de estudantes performando em níveis de excelência, demonstrando que há um desafio na produção da aprendizagem com excelência para a região como um todo.

Por fim, é importante destacar que os resultados brasileiros revelam, como os resultados da própria OCDE, um grande abismo de desempenho no que diz respeito ao nível socioeconômico dos estudantes. Na Figura 10, observamos que dentre os estudantes que pertencem ao quartil mais inferior de renda, 89% apresentam baixo desempenho em Matemática, 70% em Ciências e 67% em Leitura. Entre os alunos brasileiros mais ricos, no entanto, o percentual daqueles que se encontram nos piores níveis de desempenho é muito mais baixo: 44% em Matemática e 26% em Leitura e Ciências. Por outro lado, praticamente não há estudantes nos quartis inferiores de renda desempenhando em alto nível em nenhum dos domínios avaliados e, embora esse percentual seja baixo entre os mais ricos, os valores são maiores do que a média nacional.

Figura 10. Pisa (OCDE x Brasil) por ESCS e Nível de desempenho



Fonte: OCDE, Pisa (2025). Elaboração: Todos Pela Educação. Nota: Considera a média da OCDE no ano de aplicação do teste.

Tomados em conjunto, e considerando o que o Pisa mede, podemos inferir que embora seja positivo o Brasil não apresentar uma queda nas últimas edições (especialmente considerando o movimento generalizado de redução no desempenho de outros países), há um extenso caminho pela frente. Mais do que apontar o que não funciona, precisamos pensar em ações de políticas públicas que apontem caminhos para a consolidação das competências relevantes medidas por esta avaliação. Outro ponto de atenção são as diferenças socioeconômicas medidas pela prova. Os estudantes mais vulneráveis parecem ser aqueles com menos oportunidades de aprendizagem, e direcionais políticas específicas a eles parece fundamental.

3.1 Como os resultados do Pisa se comparam aos do Saeb

Ainda que o Pisa e o Saeb não sejam avaliações comparáveis tanto com relação ao que investigam em termos de aprendizagem quanto com relação às métricas adotadas (como explicamos na seção 2.1), compreender em que medida essas avaliações se relacionam em termos de tendência é importante, visto que pode causar estranhamento observar movimentos distintos de desempenho em ambas. Assim, nesta seção discutimos as tendências de desempenho em Leitura no Pisa com relação à

Língua Portuguesa no Saeb, e em Matemática em ambas as avaliações, considerando os ganhos nas últimas décadas comparados em termos de desvios-padrão.

Ao transformarmos os pontos expressos em escalas distintas em desvios-padrão, comparamos a magnitude das mudanças. Assim, uma variação de 0,10 corresponde a 10% de um desvio-padrão, e não a um aumento de 10% na aprendizagem ou na nota da avaliação. Isso significa que uma variação de 0,10 desvio-padrão no Saeb e uma variação de mesma magnitude no Pisa ocupam posições semelhantes em suas respectivas métricas, mas podem representar mudanças em conhecimentos e competências diferentes. Também não se deve interpretar a distância entre as linhas como uma diferença direta de proficiência. Dizer que, em Leitura, as trajetórias terminam separadas por aproximadamente 0,15 desvio-padrão significa apenas que as médias evoluíram de maneira distinta em relação às respectivas bases de 2015. Isso não significa que estudantes do Saeb possuam 0,15 desvio-padrão a mais de proficiência do que estudantes do Pisa.

Para essa análise, apresentamos dois gráficos que possuem perspectivas complementares. Na Figura 11, apresentamos a variação em desvios-padrão de cada uma das avaliações entre as edições, ou seja, a tendência de uma aplicação da prova com relação à aplicação anterior. Já a Figura 12 apresenta o crescimento acumulado, em desvios-padrão, ao longo da década. Ou seja, o crescimento ou redução com relação ao ponto de partida (2015).

Como é possível observar em ambos os gráficos, as tendências de crescimento são diferentes em ambos os exames. Em ambos os testes, observou-se uma tendência de queda durante o período pandêmico. Todavia, ao observarmos as tendências na década, as mudanças são mais pronunciadas. Começando por Leitura, vemos que há uma tendência de crescimento no Saeb de 20% de desvio padrão ao longo da década, com rápida recuperação após a pandemia. Já no Pisa, o desempenho em Leitura tem um breve crescimento em 2018, mas o crescimento acumulado ao longo do período é de 1% de desvio-padrão.

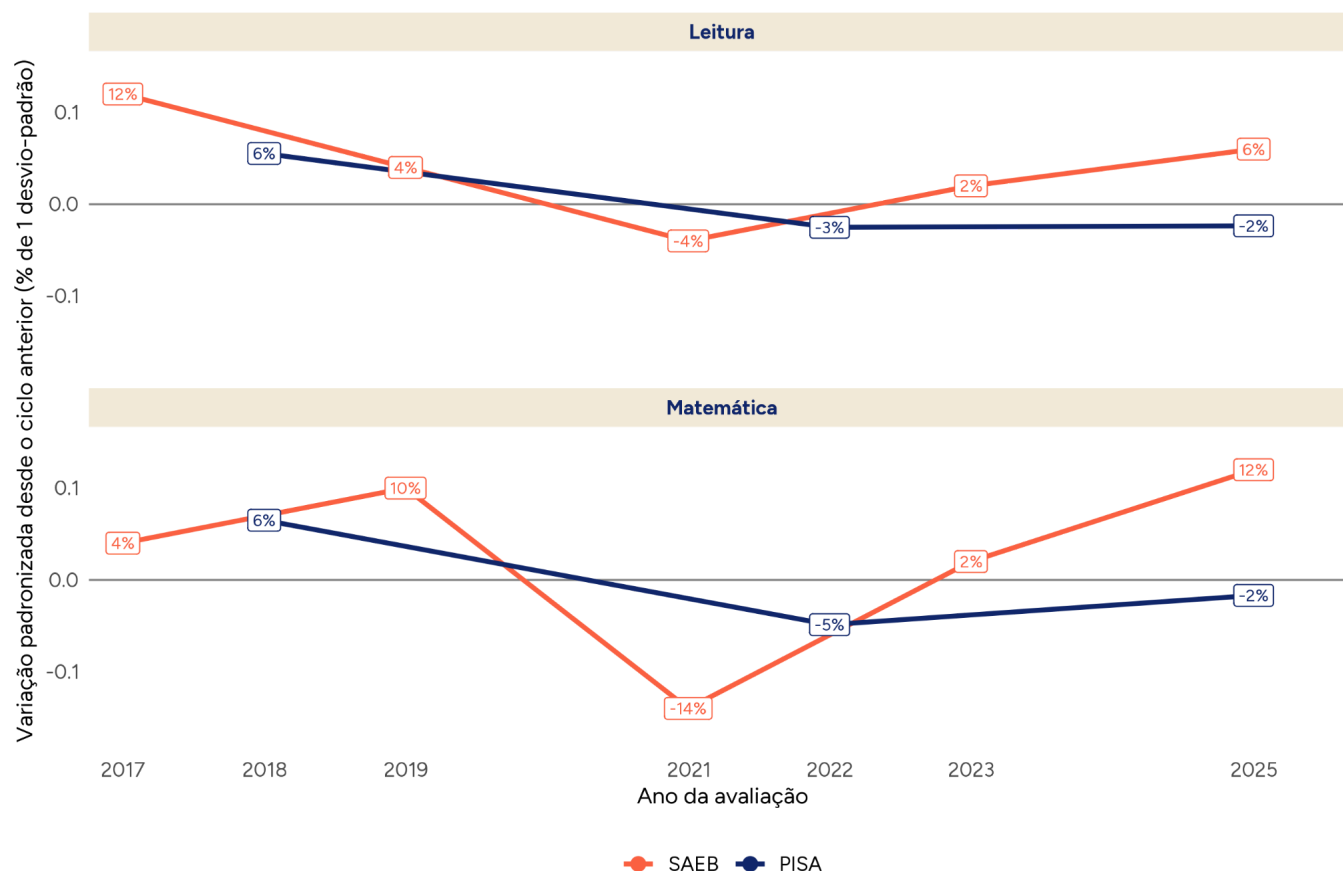
Em Matemática, o Saeb também apresenta saldo positivo no conjunto do período. A avaliação registrou avanços importantes ao longo da década, com uma recuperação um pouco mais lenta do que em Língua Portuguesa após a pandemia, mas saldo acumulado positivo. Ao longo da década, o crescimento acumulado foi de 14% de desvio padrão no cenário nacional. Já no Pisa, Matemática apresentou um aumento inicial de 6% de desvio-padrão entre 2015 e 2018, seguido de nos ciclos subsequentes de avaliação. O resultado acumulado em 2025 foi de 0% de desvio-padrão em relação a 2015. Na prática, isso indica que o desempenho retornou ao ponto de partida da série.

Tomadas em conjunto, essas comparações indicam que a recuperação das habilidades observadas no Saeb não se traduziu, na mesma proporção, na melhoria das competências medidas pelo Pisa. Essas diferenças tanto podem estar associadas às características da população respondente aos testes quanto aos construtos avaliados. É importante lembrar que o Saeb acompanha os estudantes matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental e se orienta, de modo geral, às expectativas de aprendizagem da etapa de ensino. O Pisa, por sua vez, avalia jovens de aproximadamente 15 anos, em diferentes etapas escolares, e enfatiza a mobilização de conhecimentos diante de problemas e contextos variados.

Uma interpretação possível é que o sistema brasileiro tenha apresentado maior recuperação nas habilidades mais diretamente relacionadas à escolarização e às matrizes nacionais do que nas

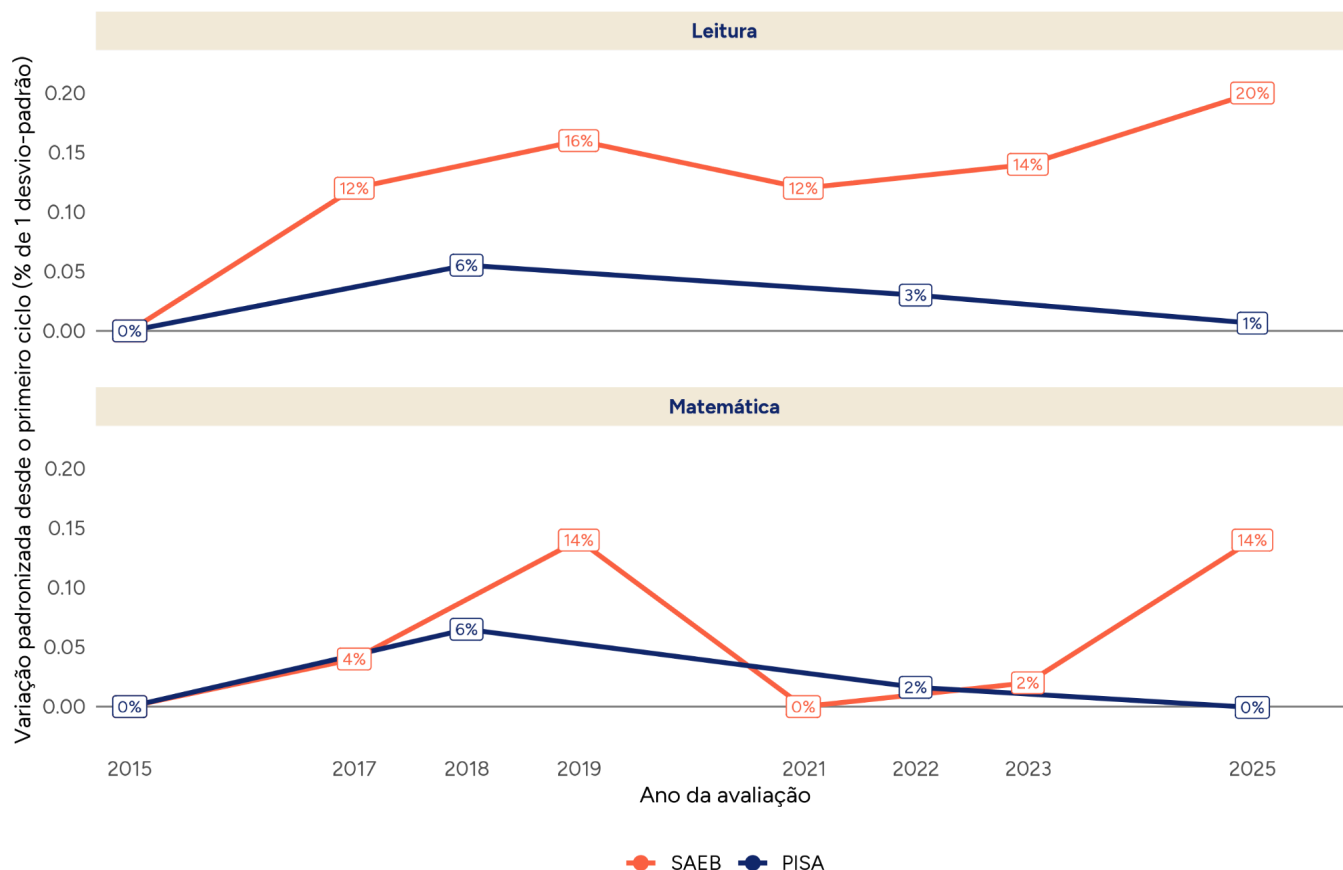
competências de aplicação, integração e raciocínio avaliadas pelo Pisa. O nível médio de desempenho dos estudantes no Pisa, que avalia a mobilização mais direta e menos contextualizada de conhecimentos de Leitura e Matemática, é coerente com esses resultados no Saeb. Os gráficos, contudo, não permitem demonstrar essa explicação. Para investigá-la, seria necessário analisar a composição das populações avaliadas, a distribuição por níveis de proficiência e o desempenho nas diferentes dimensões de cada prova.

Figura 11. Variação de aprendizagem entre edições das avaliações: análise comparativa entre Pisa e Saeb 9º ano



Fonte: OCDE, Pisa (2015, 2018, 2022 e 2025); MEC, INEP, Saeb (2015, 2017, 2019, 2021, 2023 e 2025).
Elaboração: Todos Pela Educação. Nota: Considera a média da OCDE no ano de aplicação do teste. Resultados do Pisa e Saeb consideram a rede total de ensino. No Saeb, um desvio-padrão equivale a 50 pontos na escala de proficiência. No Pisa, equivale a 100 pontos.

Figura 12. Variação de aprendizagem no último decênio: análise comparativa entre Pisa e Saeb 9º ano



Fonte: OCDE, Pisa (2015, 2018, 2022 e 2025); MEC, INEP, Saeb (2015, 2017, 2019, 2021, 2023 e 2025).
Elaboração: Todos Pela Educação. Nota: Considera a média da OCDE no ano de aplicação do teste. Resultados do Pisa e Saeb consideram a rede total de ensino. No Saeb, um desvio-padrão equivale a 50 pontos na escala de proficiência. No Pisa, equivale a 100 pontos.

4. Desempenho dos estados no Pisa

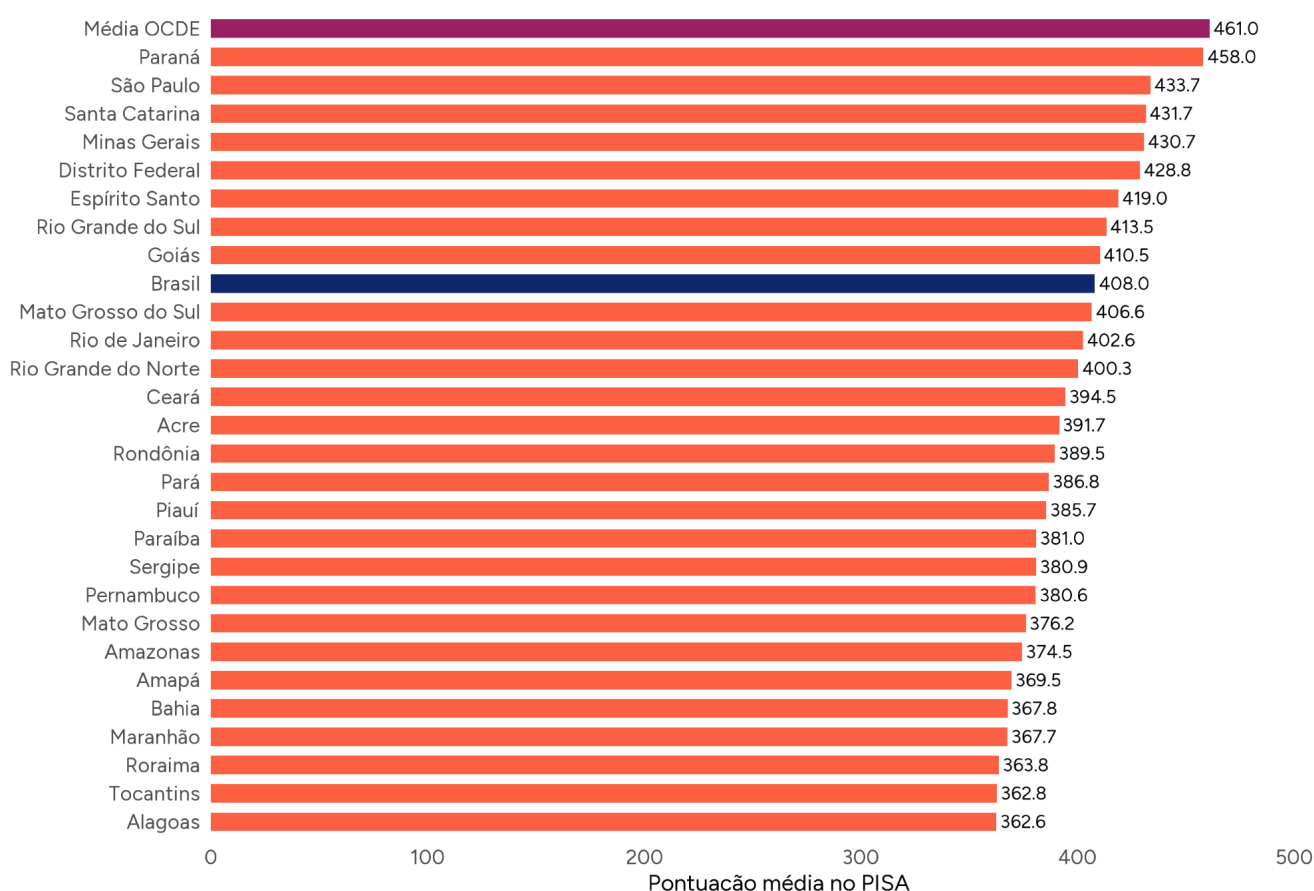
Em 2025, a amostra brasileira no Pisa permitiu realizar análises de desempenho também por unidade da federação. As médias das UF's apresentadas nesta nota se referem ao desempenho de todos os estudantes que fizeram a prova nos estados. Ou seja, elas não dizem respeito apenas às redes públicas estaduais. As médias de cada uma delas nos três domínios avaliados estão apresentadas nas Figuras 13, 14 e 15.

A análise das médias demonstra que há um conjunto de estados cujos estudantes performam acima da média nacional⁷. Os estudantes paranaenses têm um desempenho em leitura bastante similar

⁷ Deve-se ressaltar que essa estimativa está sujeita à margem de incerteza associada ao erro-padrão, de modo que o valor verdadeiro da média populacional pode situar-se acima, abaixo ou coincidir com esse patamar. Desse modo, por conta da incerteza, pontuações muito próximas entre si podem significar o mesmo resultado, em termos estatísticos.

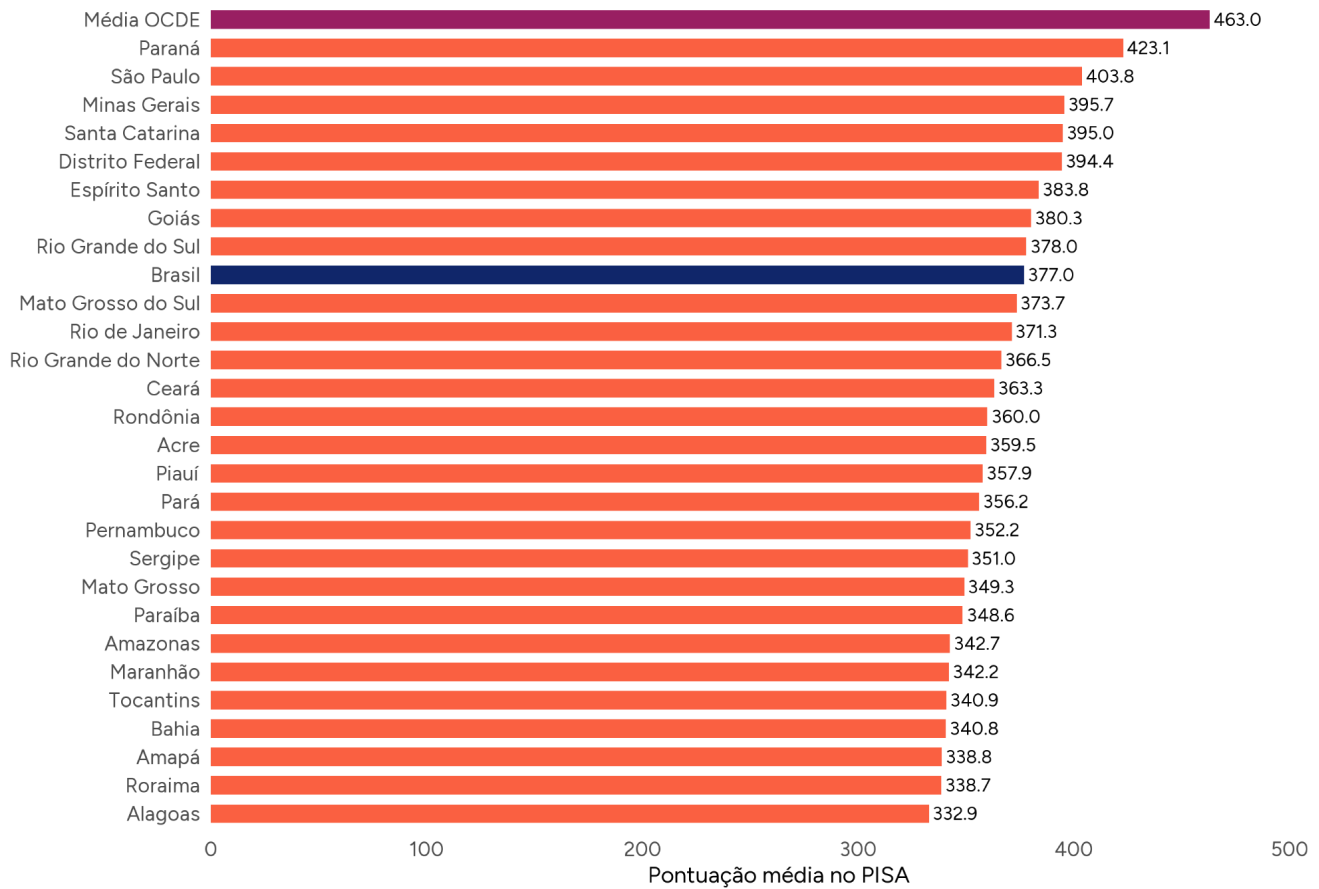
ao desempenho da média dos países da OCDE, embora em Matemática e Ciências mesmo o desempenho dos estudantes desse estado, que se destaca com relação aos demais, fica abaixo dos países membros da organização. Chama atenção, ainda, o fato de que os estados cujos estudantes apresentam performance mais elevada serem os com maior PIB *per capita*, ou seja, com renda média superior a outros estados da federação. De um modo geral, o Pisa é um exame fortemente correlacionado com o nível socioeconômico dos estudantes, como apresentamos anteriormente na Figura 10. Nesse sentido, é provável que as condições socioeconômicas dos estudantes desses estados expliquem fortemente o desempenho nessa prova. Também se destaca a grande diferença de notas entre as unidades da federação com melhor e pior performance. Paraná e Alagoas apresentam uma diferença de mais de 90 pontos em Matemática e Leitura, e mais de 100 pontos em Ciências.

Figura 13. Desempenho médio por UF (Leitura)



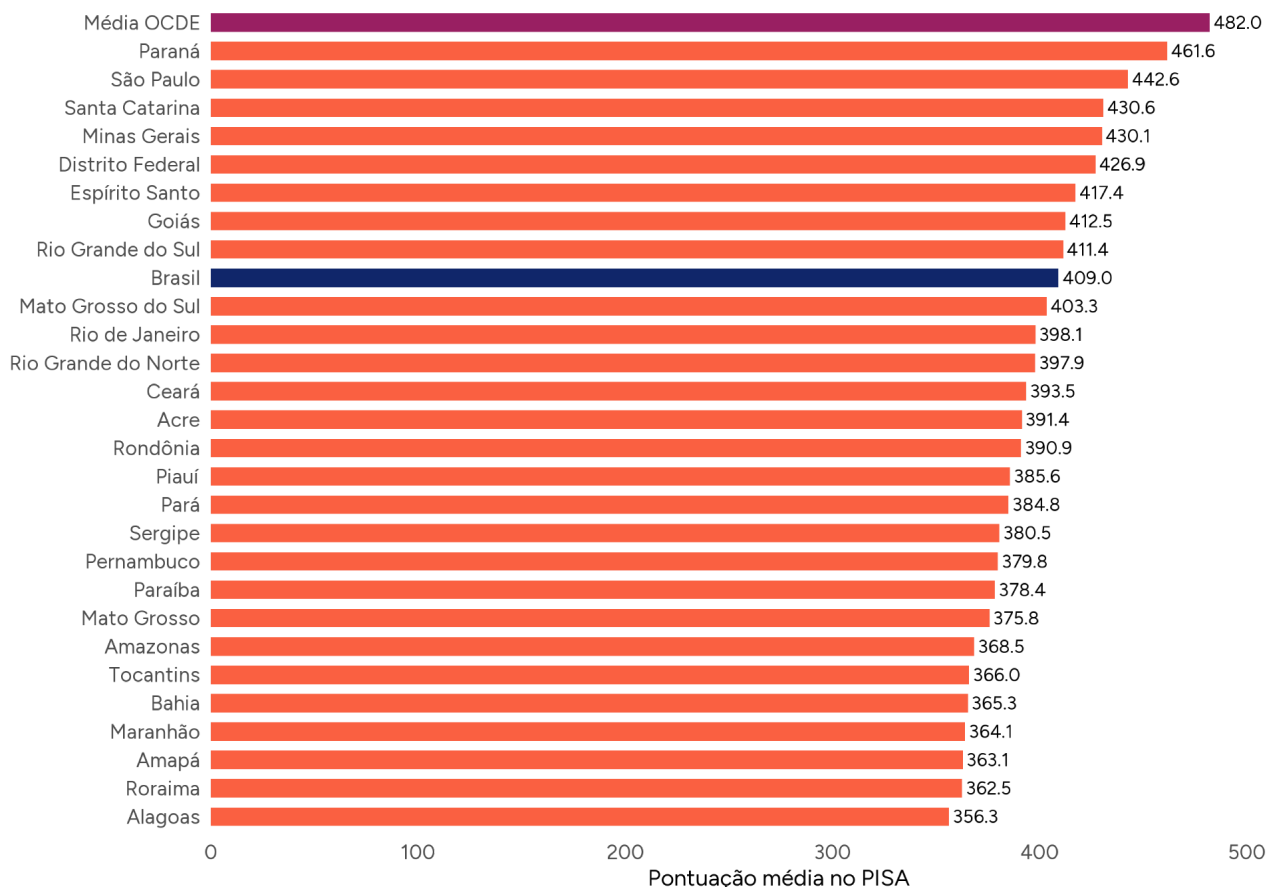
Fonte: OCDE, Pisa (2025). Elaboração: Todos Pela Educação

Figura 14. Desempenho médio por UF (Matemática)



Fonte: OCDE, Pisa (2025). Elaboração: Todos Pela Educação

Figura 15. Desempenho médio por UF (Ciências)

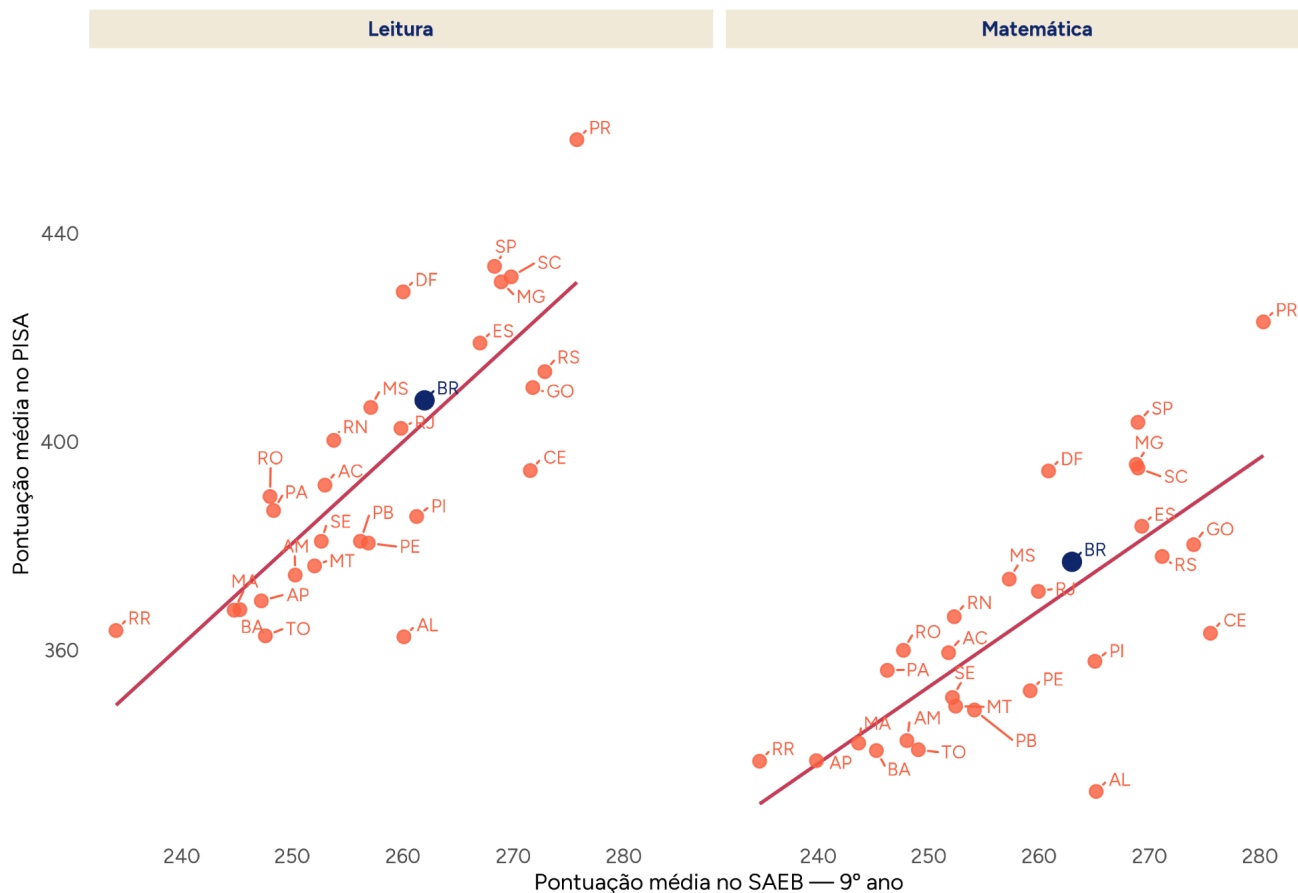


Fonte: OCDE, Pisa (2025). Elaboração: Todos Pela Educação

Outra análise a ser considerada é a correlação entre os resultados no Pisa e no Saeb, considerando que o posicionamento na escala se altera entre ambos os testes. Como podemos observar na Figura 16, existe uma correlação entre a pontuação dos estudantes em ambos os testes, embora evidentemente essa correlação não seja perfeita. Como esses testes medem aspectos diferentes do currículo, a diferença de desempenho pode capturar ênfases distintas que são dadas pelos sistemas educacionais locais, com maior foco na construção de habilidades estruturantes e discretas ou aplicação de saberes de maneira mais contextualizada.

Nos anexos, as figuras A7 e A8 apresentam também a correlação entre o percentual de estudantes abaixo do básico no Saeb e com proficiência abaixo do mínimo adequado no Pisa, e o percentual de estudantes com alto desempenho em ambos os testes. Aqui, igualmente observamos uma correlação acentuada entre a distribuição de desempenho dos estudantes, revelando tendências similares entre os testes.

Figura 16. Desempenho Médio no Saeb 9º ano x Pisa



Fonte: OCDE, Pisa (2025); MEC, INEP, Saeb (2025). Elaboração: Todos Pela Educação. Nota: Resultados do Pisa e Saeb consideram a rede total de ensino.

5. O que podemos aprender com os resultados?

Os resultados do Pisa 2025 mostram que o Brasil precisa avançar simultaneamente em três frentes: **eleva o nível geral de aprendizagem, reduzir as desigualdades e ampliar a capacidade dos estudantes de mobilizar conhecimentos em situações complexas**. A estabilidade observada em Leitura e Matemática ao longo da última década não deve ser interpretada como um resultado satisfatório. O país permaneceu praticamente no mesmo ponto, mas esse ponto de partida já era muito baixo. Em Matemática, 72% dos estudantes estão abaixo do patamar mínimo de proficiência; em Leitura e Ciências, mais da metade se encontra nessa condição. Ao mesmo tempo, aproximadamente 1% ou menos alcança os níveis mais elevados.

A redução da distância entre o Brasil e a média da OCDE também exige cautela. Ela decorre principalmente da queda de desempenho dos países da organização, e não de uma melhoria brasileira suficientemente expressiva. Aproximar-se de uma referência que está recuando não representa, por si só, avanço educacional. A ambição nacional deve ser elevar as aprendizagens, e não apenas melhorar a posição relativa do país.

Há um sinal positivo em Ciências, domínio no qual o Brasil acumulou crescimento ao longo da década. Esse movimento deve ser investigado para identificar quais mudanças curriculares, pedagógicas ou de composição da população podem tê-lo favorecido. Ainda assim, a média brasileira permanece abaixo do nível mínimo de proficiência. O avanço precisa, portanto, ser entendido como um ponto de apoio para políticas futuras, e não como indicação de que o desafio esteja superado.

A comparação com o Saeb acrescenta uma informação importante. A avaliação nacional mostra recuperação após a pandemia e ganhos acumulados em Língua Portuguesa e Matemática, enquanto o Pisa indica estabilidade na década. Essa divergência não significa que uma das avaliações esteja correta e a outra, equivocada. Elas avaliam populações e construtos diferentes. Entretanto, os resultados levantam uma hipótese relevante: a recuperação de habilidades mais diretamente associadas às matrizes escolares pode não estar sendo acompanhada, na mesma intensidade, pelo desenvolvimento da capacidade de integrar conhecimentos, transferi-los para situações novas, analisar evidências e resolver problemas menos familiares.

Diante desse quadro, é possível apontar para cinco prioridades que podem nos levar a um crescimento sustentado dos resultados:

1. Consolidar as aprendizagens fundamentais sem restringir o ensino a habilidades isoladas. A recomposição das aprendizagens continua necessária, especialmente em Matemática, mas precisa avançar para além da repetição de procedimentos. Os estudantes devem dominar conhecimentos fundamentais e, ao mesmo tempo, aprender a utilizá-los para interpretar informações, construir argumentos, investigar situações e resolver problemas. Isso requer currículos implementados com coerência, materiais didáticos de qualidade e avaliações escolares que combinem domínio de conteúdos com aplicação e raciocínio.

2. Fortalecer a formação e o apoio pedagógico aos professores. O desenvolvimento das competências avaliadas pelo Pisa depende de práticas pedagógicas intencionais. Em Leitura, isso inclui trabalhar com textos de diferentes gêneros e fontes, comparar perspectivas, avaliar a confiabilidade das informações e sustentar interpretações com evidências. Em Matemática, significa propor problemas nos quais os estudantes precisem formular representações, escolher estratégias, justificar procedimentos e interpretar resultados. Em Ciências, implica ampliar as oportunidades de investigação, análise de dados e avaliação de evidências. As redes devem traduzir essas expectativas em formação continuada, acompanhamento pedagógico e materiais concretos para o trabalho em sala de aula.

3. Concentrar apoio nos estudantes em maior situação de vulnerabilidade. As desigualdades socioeconômicas observadas são profundas: entre os estudantes do quartil socioeconômico mais baixo, 89% apresentam baixo desempenho em Matemática, 70% em Ciências e 67% em Leitura. A política educacional deve direcionar mais recursos, melhores condições de ensino e estratégias intensivas de recuperação para escolas e estudantes com maiores necessidades. Isso inclui diagnóstico frequente, tutoria ou apoio pedagógico adicional, ampliação do tempo efetivo de aprendizagem, enfrentamento da infrequência e prevenção do abandono.

4. Combinar a garantia de um patamar mínimo com uma agenda de altas expectativas. Reduzir o percentual de estudantes abaixo do nível básico é a prioridade mais urgente, mas não pode ser

a única. A proporção muito pequena de jovens nos níveis de excelência mostra que o sistema também encontra dificuldades para promover aprendizagens avançadas, inclusive entre estudantes socioeconomicamente favorecidos. As redes precisam assegurar oportunidades de aprofundamento, investigação, produção autoral e resolução de problemas complexos, evitando que o foco exclusivo na recuperação limite as possibilidades de quem pode avançar mais.

5. Utilizar Pisa e Saeb de forma complementar na gestão das políticas educacionais. O Saeb deve continuar orientando o monitoramento das aprendizagens associadas às etapas escolares, enquanto o Pisa pode funcionar como um sinal sobre a capacidade de transferência e aplicação do conhecimento. Estados e redes podem construir diagnósticos que cruzem as duas perspectivas, observando médias, distribuição por níveis, desigualdades e dimensões específicas dos domínios. A correlação entre os resultados estaduais não deve ser utilizada apenas para produzir rankings, mas para identificar redes que obtêm resultados superiores ao esperado diante de seu contexto socioeconômico e estudar suas políticas e práticas.

A análise por unidade da Federação reforça a necessidade de considerar os contextos. Parte relevante das diferenças estaduais está associada às condições socioeconômicas dos estudantes. **Comparações brutas não permitem concluir, isoladamente, quais sistemas são mais eficazes.** O próximo passo deve ser produzir análises que controlem essas diferenças e identifiquem estados ou redes que conseguem combinar melhores resultados com maior equidade. Essas experiências podem fornecer referências concretas para cooperação federativa e disseminação de políticas bem-sucedidas.

Também será fundamental aprofundar a análise dos microdados do Pisa 2025. Estudos posteriores devem investigar quais processos cognitivos, conteúdos e grupos de itens concentram as maiores dificuldades; como desempenho e trajetória escolar se relacionam; e quais fatores escolares estão associados a resultados mais altos. A ausência de recuperação em Leitura, em particular, demanda uma agenda específica de pesquisa sobre hábitos de leitura, uso de tecnologias digitais, capacidade de avaliar fontes e mudanças na relação dos jovens com os textos.

Em síntese, a interpretação dos resultados do Pisa 2025 não aponta para uma solução única. Seus resultados reforçam a necessidade de uma política sistêmica e sustentada que articule currículo, formação docente, materiais pedagógicos, avaliação, equidade e condições de oferta. O desafio brasileiro não é somente recuperar o que foi perdido durante a pandemia, mas superar uma trajetória de baixo desempenho que a antecede. Isso exige garantir a todos os estudantes conhecimentos fundamentais e oportunidades reais de utilizá-los com autonomia, criticidade e compreensão.

Referências

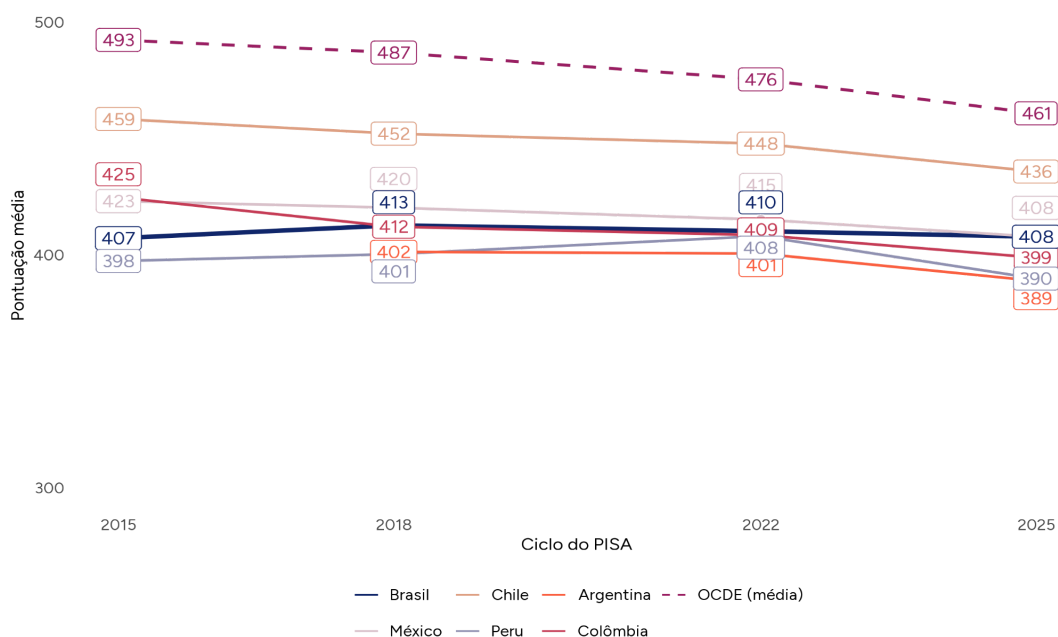
OECD. Pisa 2025 **Assessment and Analytical Framework**. [S.l.]: OECD Publishing, 2026.

OECD, Organisation of Economic Co-Operation and Development. **The future of Education and Skills - Education 2030**. [S.l.]: OECD, 2018.

WIGGINS, Grant; MCTIGHE, Jay. **Planejamento para a compreensão: alinhando currículo, avaliação e ensino por meio do planejamento reverso**. [S.l.]: Penso, 2019.

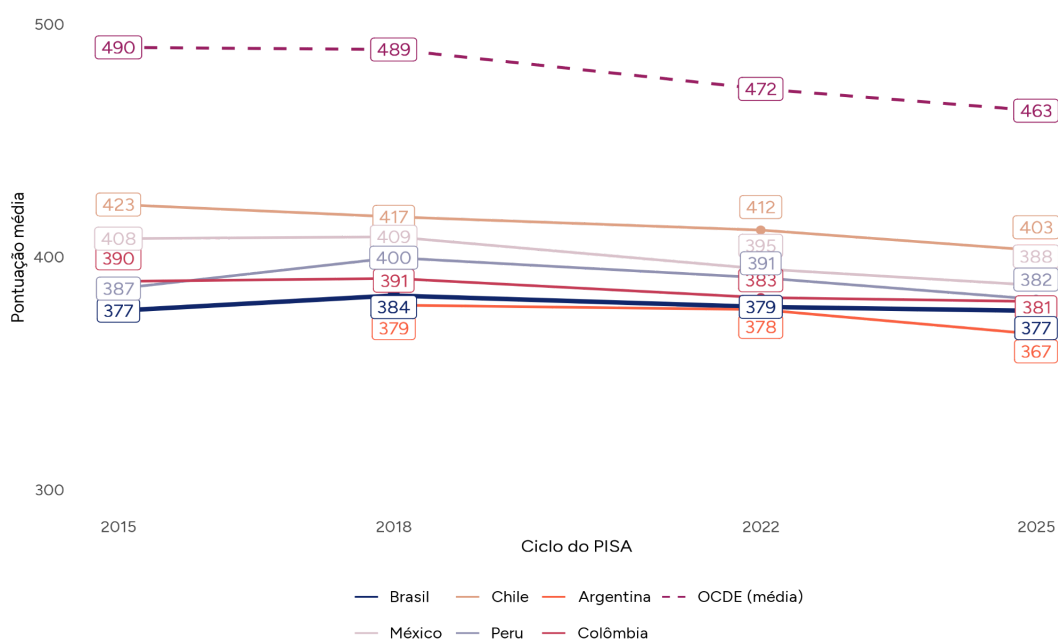
Anexos

Figura A1. Trajetória comparada das aprendizagens em Leitura



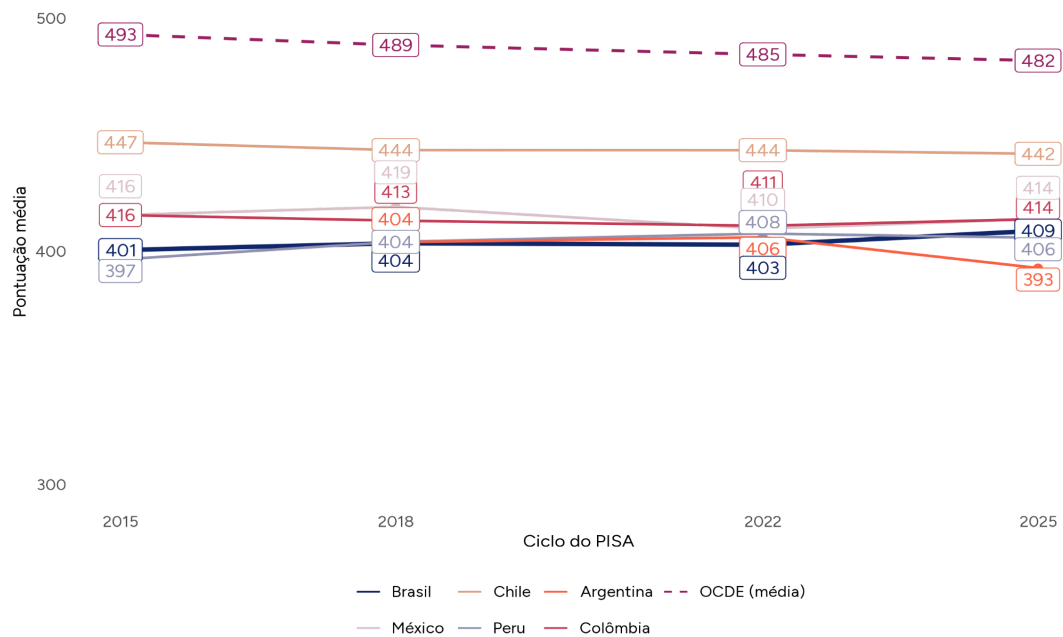
Fonte: OCDE, Pisa (2015, 2018, 2022 e 2025). Elaboração: Todos Pela Educação.

Figura A2. Trajetória comparada das aprendizagens em Matemática



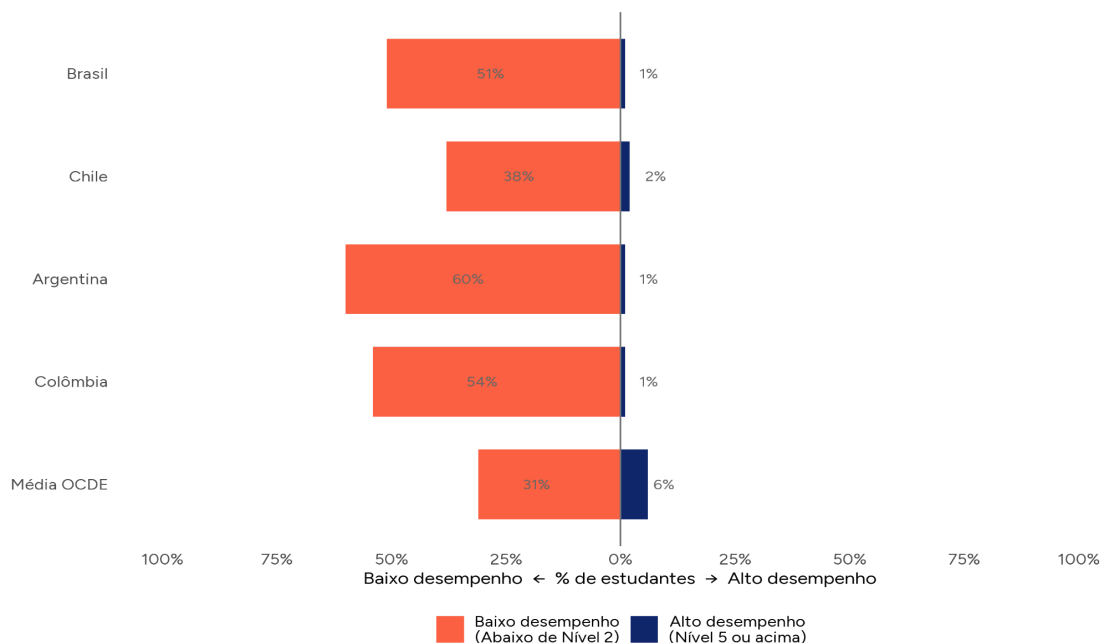
Fonte: OCDE, Pisa (2015, 2018, 2022 e 2025). Elaboração: Todos Pela Educação.

Figura A3. Trajetória comparada das aprendizagens em Ciências



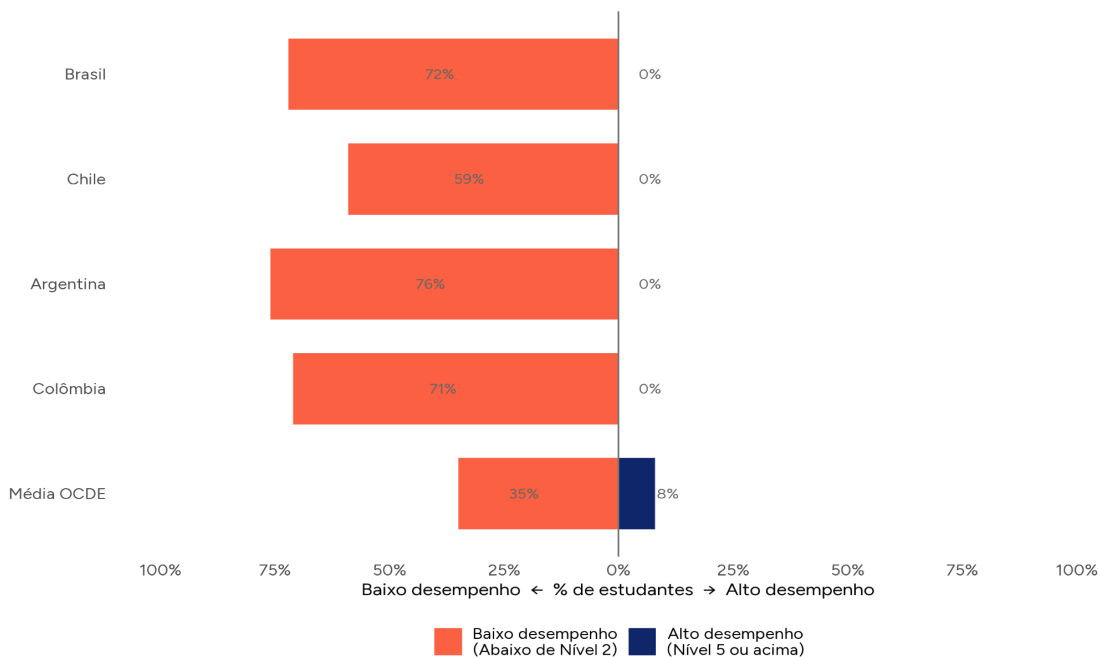
Fonte: OCDE, Pisa (2015, 2018, 2022 e 2025). Elaboração: Todos Pela Educação.

Figura A4. Desigualdades de aprendizagem comparada: alunos abaixo da linha de proficiência e de alta performance em Leitura



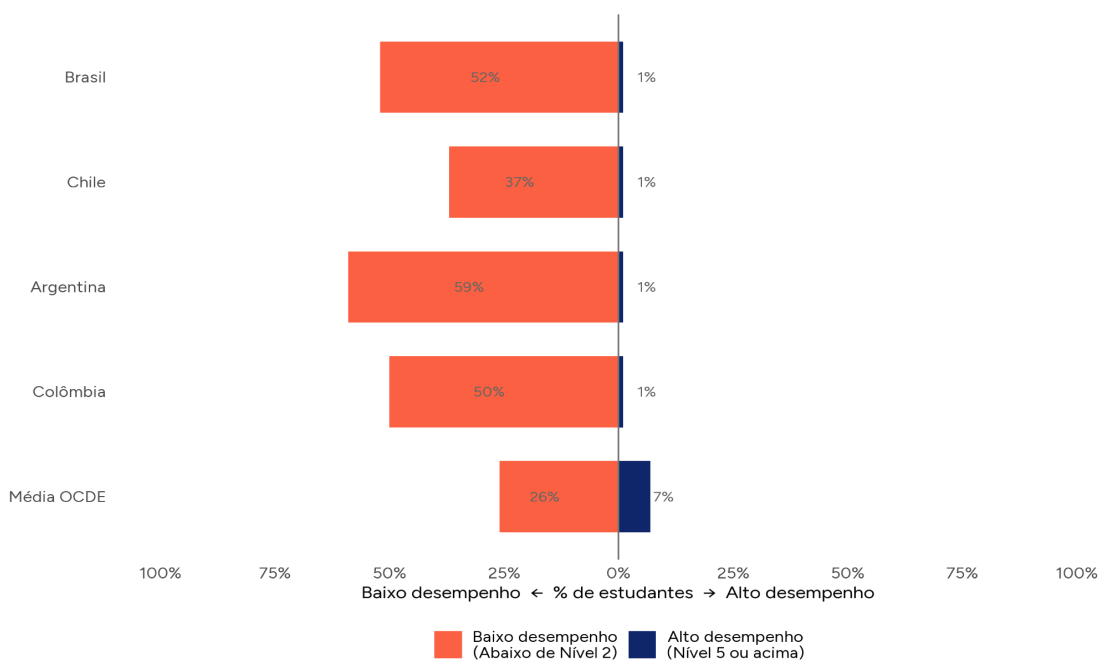
Fonte: OCDE, Pisa (2025). Elaboração: Todos Pela Educação.

Figura A5. Desigualdades de aprendizagem comparada: alunos abaixo da linha de proficiência e de alta performance em Matemática



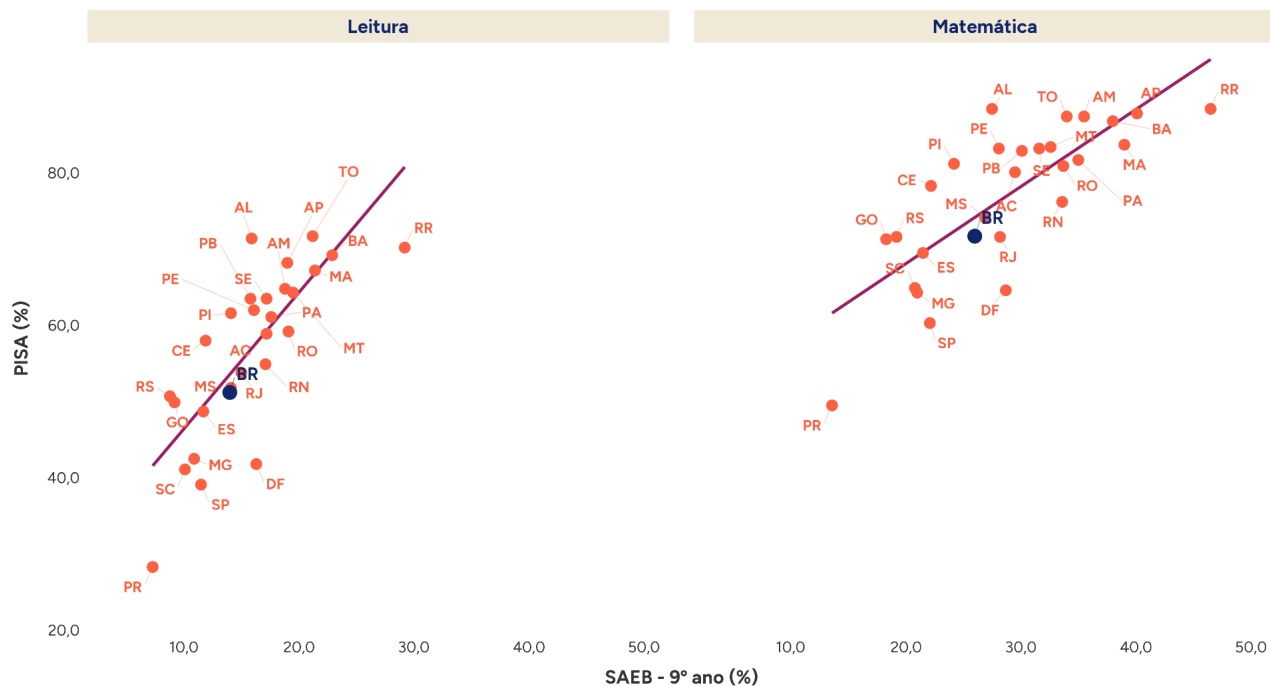
Fonte: OCDE, Pisa (2025). Elaboração: Todos Pela Educação.

Figura A6 Desigualdades de aprendizagem comparada: alunos abaixo da linha de proficiência e de alta performance em Ciências



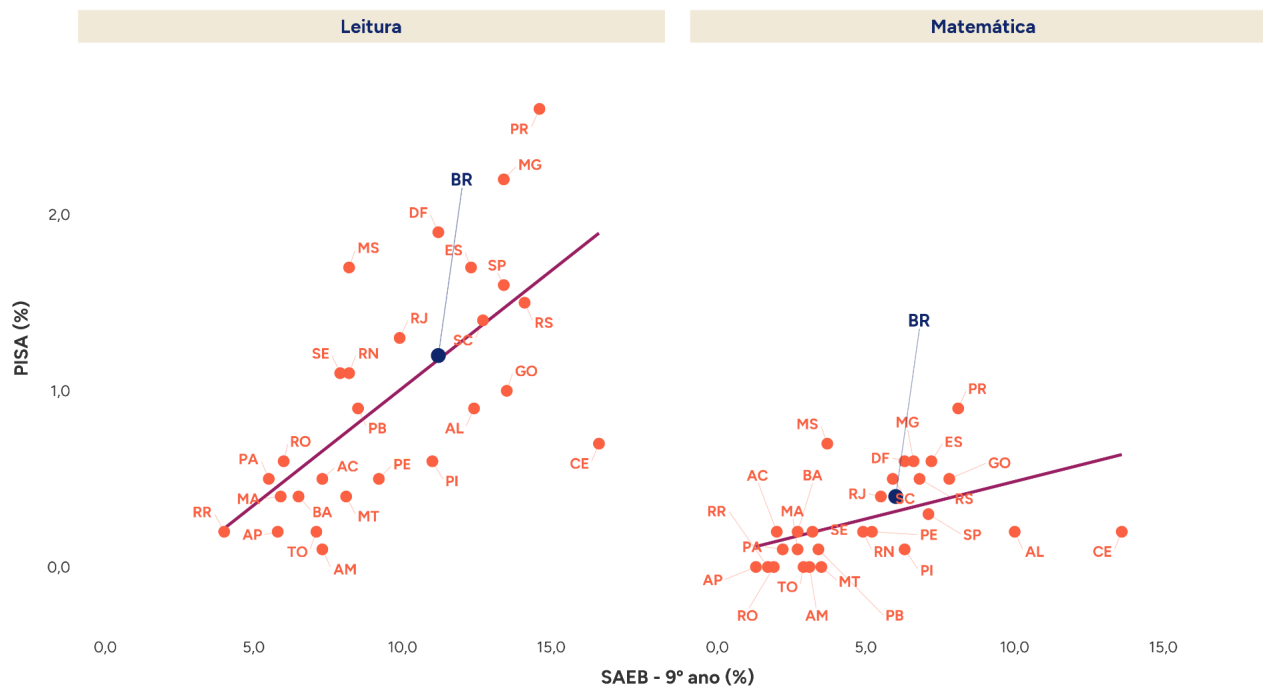
Fonte: OCDE, Pisa (2025). Elaboração: Todos Pela Educação.

Figura A7. Nível de Desempenho Abaixo do Básico Saeb 9º ano x Pisa



Fonte: OCDE, Pisa (2025); MEC, INEP, Saeb (2025) . Elaboração: Todos Pela Educação. Nota: Resultados do Pisa e Saeb consideram a rede total de ensino. No Saeb, considera-se Abaixo do Básico, no 9º ano, o desempenho inferior a 200 pontos em Língua Portuguesa e a 225 pontos em Matemática. No Pisa, para ambas as áreas, considera-se o desempenho abaixo do nível 2.

Figura A8. Nível de Desempenho Avançado Saeb 9º ano x Pisa



Fonte: OCDE, Pisa (2025); MEC, INEP, Saeb (2025) . Elaboração: Todos Pela Educação. Nota: Resultados do Pisa e Saeb consideram a rede total de ensino. No Saeb, considera-se Avançado, no 9º ano, o desempenho superior ou igual a 325 pontos em Língua Portuguesa e a 350 pontos em Matemática. No Pisa, para ambas as áreas, considera-se o desempenho superior ou igual ao nível 5.